

DEPÓSITO LEGAL

MARIA RITA

SEMANARIO

HUMORISTICO

Grupo Literário de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SÉRGIO

OCTAVIO SÉRGIO



Política internacional



HERRIOT-YÓ EM ESPANHA

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L. da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	

CONCURSO DO SAPO

FINAL

Distribuição dos prémios de 100\$00 escudos (5) referentes à quinta partida

Aníbal de Matos Fino	1 a 97	Firmino da Silva	5046 a 5142	Bento Pereira	8441 a 8537
António Rodrigues Martins	98 a 194	Curvo com mêdo	5143 a 5239	Arnaldo Sousa Ramos	8538 a 8634
José de Almeida Loureiro	195 a 291	A. Leite Cabral	5240 a 5336	Antunes 1.º	8635 a 8731
Saxies 3.º	292 a 388	Manuel Leitão Moreira	5337 a 5433	F. Leal J.or.	8732 a 8828
António Marques Nogueira	389 a 485	K. H. Alto	5434 a 5530	Emília da Siva	8829 a 8925
Angelo Meneses	486 a 582	Alvo Rocado	5531 a 5627	António Artur Sousa	8926 a 9022
Manuel R. de Almeida	583 a 679	Joaquim Temudo Fernandes	5628 a 5724	António Lago	9023 a 9119
Fê	680 a 776	Berimbau Galhetas	5725 a 5821	Hercules	9120 a 9216
Joaquim Monteiro	777 a 873	Mefistófeles	5822 a 5918	Orquídea Violeta	2217 a 9313
Ernesto Lacerda	874 a 970	Henrique Bravíssimo	5919 a 6015	Hercules & C.ª	9314 a 9410
Claúdio António Moreira	971 a 1067	Alfredo Matos Gil	6016 a 6112	Zacaria Fuertes	9411 a 9507
Armando A. Freitas Reis	1068 a 1164	Irene Coutinho	6113 a 6209	Maria Luiza Romariz	9508 a 9604
Horácio Ferreira	1165 a 1261	Heitor de Sousa Nunes	6210 a 6306	Castro Rodrigues	9605 a 9701
Zeca Camelo	1262 a 1358	Maria H. Morais Costa	6307 a 6403	Lizé	9702 a 9798
José Jacinto Carvalho	1359 a 1455	Fernanda Albergaria Pessoa	6404 a 6500	António Nascimento	9799 a 9895
Francisco Augustlo Peres	1456 a 1552	Estrudes Doméstica	6501 a 6597	Zé Banano	9896 a 9992
Melson Machado	1553 a 1649	Ridi Pagliaci	6598 a 6694		
Verde Gaio	1650 a 1746	Rei do Saxofone	6695 a 6791		
Roumaldo Fernandes	1747 a 1843	Bertoldo	6792 a 6888		
Rei Meda	1844 a 1940	B. Osório Castro	6889 a 6985		
Pimpão de Altamira	1941 a 2037	Arnaldo Ruivo	6986 a 7082		
Kikinho	2038 a 2134	Inácio Fonseca	7083 a 7179		
Manuel Queiroz	2135 a 2231	O. Amaral	7180 a 7276		
Luis Lopes Teixeira	2.32 a 2328	Eduardo Serrano	7277 a 7373		
Eduardo Sernano	2329 a 2425	Bronca da Graça Barbosa	7374 a 7470		
Zé dos Nabos	2426 a 2522	Maria Emília Mendes	7471 a 7567		
Custódio das Dores	2523 a 2619	Herculano Mendes	7568 a 7664		
Serafão Antunes	2620 a 2716	António Soares Sousa	7665 a 7761		
Maria Estela Sá	2717 a 2813	Fernando H. Rodrigues Silva	7762 a 7858		
Sempre fixinho	2814 a 2910	Faco	7859 a 7955		
Alvaro Ferreira Matos	2911 a 3007	Camem Ribeiro	7956 a 8052		
Jeremias Sosinho	3008 a 3104	Chico martins	8053 a 8149		
Manuel Augusto Santos	3105 a 3201	Alvaro Menezes	8150 a 8246		
Xavier de Sempre	3202 a 3298	M. Recarei	8247 a 8343		
A. do Nascimento	3299 a 3395	José Teix.ª Carvalho	8344 a 8440		
Sacrista	3396 a 3492				
Serafim das Beatas	3493 a 3589				
Aurelio Ferreira da Silva	3590 a 3686				
José B. do Silva Barros	3687 a 3783				
Rei Poderoso	3784 a 3880				
Dó Menor	3881 a 3977				
Marcolino Freitas	3978 a 4074				
Belchior Ribeiro	4075 a 4171				
Martínica	4172 a 4268				
Simplicio Fernandes	4269 a 4365				
Mary Tanga	4366 a 4462				
Josefina Dias Correia	4463 a 4559				
Maria C. Mota Dias	4560 a 4656				
Trepa Nada	4657 a 4753				
Mário Rito	4754 a 4850				
R. Pereira	4851 a 4947				
Fermino Silva	4948 a 5044				

Como os prémios a distribuir são em número de 5 e os primeiros prémios da loteria portuguesa são 3 apenas, vai seguir-se neste sorteio o seguinte critério:

Serão válidos os três maiores prémios da loteria.

Os dois restantes, caberão aos números que correspondam aos milhares imediatamente superiores e inferiores ao maior prémio da loteria.

Assim, se por exemplo a sorte grande calhar no número 3056, será este número contemplado e bem assim os números 2056 e 4056.

Fica entendido que nenhum concorrente tem direito a mais de um prémio. No caso de se dar esta circunstância será premiado o concorrente de série imediatamente superior.

ADEGA REGIONAL DO LAVRADOR

DE

Manuel Moreira Rato

Rua das Fontainhas, 53 e 55
PORTO

Vinhos de consumo, vinhos verdes,
vinhos do Pôrto, Azeites, Vinagres,
::: Aguardentes, etc. :::

NAS

Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO,
todos os artigos tem um
cunho parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Cumpro o doloroso dever de lhes comunicar o falecimento do meu velho amigo e quasi conterrâneo Anacleto de Sousa Viruegas.

Quem o conhecia sabe os esplêndidos dotes morais que floresciam na alma de êsse bellissimo rapaz. Rapaz, não é bem assim. Anacleto Viruegas tinha acabado de fazer 60 anos quando passou de esta para melhor. Mas quem orça mais ou menos pela mesma idade, e o conheceu criança, sente o irresistível desejo de lhe chamar rapaz, — para que lhe chamem também a êle.

Anacleto tinha apenas um defeito, que era talvez a sua melhor qualidade: um grande amor ao sossego. Para viver tranqüilo, nunca se casou, nunca se envolveu na politica, nunca quis ser mesário da Lapa, nunca comeu ameixas, e jamais cortejou uma mulher. Tendo herdado dos pais avultados meios de fortuna, limitava-se a cobrar pelo S. Miguel as rendas dos prédios e a gastá-las alegremente nos trezentos e sessenta-e-cinco dias que vão de essa data, que a Igreja tornou festiva em homenagem ao integralismo lusitano, até ao S. Miguel seguinte:

Decorreu-lhe plácida a vida, na apetejada tranqüillidade, até à eclosão da grande guerra. Nesta altura, ou seja em Agosto de 1914, Anacleto Viruegas entrou de viver agitado: Consolava-o ainda a ideia de que o temporal se desencadearia por lá, pelo centro da Europa, sem chegar a Portugal. Mas veio o movimento das espadas, o 14 de Maio, a entrada de Portugal na luta, as juntas militares, a monarquia do norte... Viruegas, que, cada vez mais atterrado, perdia pavorosamente o apetite, declarou-me certo dia:

— Meu amigo! Portugal vai-se tornando inhabitável. E não só Portugal: toda a Europa, excepto a Espanha, que teve o bom senso de manter a sua neutralidade. Vou morar para Madrid.

Partiu, — e conseguiu viver tranqüilo até ao dia em que Primo de Rivera realizou aquele movimento pacifico que deu de si a ditadura militar. Abateu-se então um pouco o optimismo de Viruegas, mas logo se retemperou ao reconhecer que se não vertera uma gota de sangue. E êsse optimismo conservou-se durante meia dúzia de anos, mesmo quando a Espanha, também pacificamente, — em Espanha todas as revoluções são pacificas — proclamou a república.

Tenho presente ainda a carta que o Anacleto me escreveu então: « Grande povo, o espanhol! — Dizia êle. — Vê tu como se muda de regime de um dia para o outro, sem que se ouça o disparar de uma espingarda! Aqui, sim, que se pode viver! »

Não viveu lá, contudo, muito tempo. De repente, estalaram greves, tumultos, lutas à mão

armada, bombas às esquinas, incêndios nas igrejas... Enfiado Viruegas fêz as malas e regressou ao país natal.

— Não se pode viver na Europa! — declarou-me êle no dia em que o fui esperar à estação. — A Rússia, tem o bolchevismo, a Polónia depõe e aclama governos como quem muda de chapéu, na Grécia é temerosa a luta entre republicanos e monárquicos, na Alemanha degladiam-se Hitler e os comunistas, a Bulgária e a Roménia estão sôbre um vulcão, na Inglaterra os trabalhistas estragaram] tudo, na França Herriot prepara-se para dar a vitória aos radicais... Nada! Venho receber as rendas, e largo para a América! Lá, sim, é que se encontra a verdadeira paz!

Meteu-se num vapor, e desembarcou na Argentina, — precisamente na véspera do dia em que o general Uriburu punha na rua a sua revolução. O desgraçado conservou-se em Buenos Aires apenas três dias. De lá transportou-se ao Chile, onde apanhou, nas vinte-e-quatro horas que lá esteve, três revoluções, cinco ministérios e sete presidentes. E no Equador, no Perú, na Columbia, em Venezuela, nas Honduras, era o Viruegas a chegar e a revolução a disparar os primeiros tiros...

Refugiou-se no Brasil. Dias depois, Getúlio Vargas avançava em som de guerra sôbre o Rio. Largou para a Bolívia, onde teve de presenciar a tomada de não sei quantos fortes pelas tropas uruguaias. Embarcou em Montevideu e desembarcou em Santos quando S. Paulo se revoltava. Fugiu para Cuba, onde assistiu à sublevação do general Madeira. Uma semana depois, estava nos Estados-Unidos. Aqui, pôde dormir uma noite sem pesadelos. Mas já passou a segunda presenciando a marcha de trescentos mil esfomeados sôbre Washington. Tomou passagem para Inglaterra. Também ali os desempregados se moviam, avançando sôbre Londres...

Escreveu-me de Douvres, já com o pé no portalô do vapor em que se propunha atravessar a Mancha:

« Vou acoutar-me na Suíça. Aquilo é um povo cheio de civismo. De mais a mais, está lá a Sociedade das Nações e a Conferência da Paz... »

Mal aquecera os lençóis de um hotel genérico, entram de explodir bombas pelas ruas, logo juncadas de mortos e feridos pelas balas da policia... Viruegas fugiu, vindo meter-se numa estalagem tripeira.

Fui visitá-lo. Achei-o magrissimo, cadavérico, com uma inquietação funda nos olhos espantados.

— Aqui tens um Judeu Errante — disse êle — correndo o globo à procura de sossego, e não o encontrando em parte alguma.

— Encontra-lo em Portugal.

Nessa mesma noite metia uma bala na cabeça.

Lá fui ontem acompanhá-lo a Agramonte. E ao despedir-me de êle para sempre, murmurei comovido:

— Adeus, meu pobre e inquieto Viruegas! Enfim, achaste um sitio — o único — onde se pode estar descansado!

Marcial JORDÃO.



MADRIGAL

a

uma velha insuportável

(DE CIMA PARA BAIXO)

Repugnas-me, maldita.

Arde em meu coração,

Incêndio de alma afitta —

O fogo da aversão.

Sofras o que eu sofri!

Tenhas as minhas dores!

Espinhos que eu senti,

Piquem os teus furores!

Ainda hás-de saber,

Rata de sacristia,

Tudo o que fêz sofrer

A tua mão já fria.

Megera sem piedade,

Caraça da justiça,

Engano por verdade,

Nero a ajudar à missa,

Some-te! Rã, fakir,

Ursa maior, mosquito,

Raposa!!... — Onde eu te vir,

Apito, apito, apito!

TAÇO.

Qual é o seu desporto favorito?

Ouvindo sumidades — Divergem as opiniões

Os desportos avassalam o mundo. As ideias vivem apertadas num delírio circular de "rugby", "foot-ball", "ginkana", "golf" e outras iguarias que a estranja nos fornece a preços reduzidos e com balões às crianças.

A febre desportiva invadiu tôdas as classes, trepou por cima de todos os credos políticos e alastrou soberana, desdenhosa e invencível, pelas massas fosfóricas e encefálicas de todos os cérebros, incultos ou cultivados, que vegetam por êste redondo orbe terçaqueo.

Quais os desportos preferidos? Oicamos as sumidades portuguesas, que são as que teem mais sumo para as podermos espremer à vontade.

Que ramo de desporto prefere?

— Para mim o foot-ball. Sou doído pela bola. Ai, que saúdades doutros tempos?

Mercedes Blasco.

— Sou amante da natação. Os senhores sabem lá o prazer que eu sinto quando mergulho...

Cunha da Raza.

— O Tennis! O Tennis! A tôda a hora, a todo o momento, eu penso nêle. Até sonho com o Tennis!...

António Boto.

— Não há nada como a esgrima. Tenho passado a minha vida a esgrimir. Esgrimo para a frente, esgrimo para trás, esgrimo para a direita, esgrimo para a esquerda...

Cunha Leal.

— A natação é o meu forte. Estou em Vigo, e olhando para o mar, o que vejo? Nada... nada... nada...

Bernardino Machado.

— Digam lá o que quiserem! O Box é tudo, e o resto quási nada. Box, Box é que é preciso. Tenho passado a minha vida a jogá-lo e a pôr os outros K. O.

Homem Cristo.

— Ai, meninos o que mais me diverte é o Yó-Yó. Se vocês soubessem as coisas que eu faço com o Yó-Yó.

Beatriz Costa.

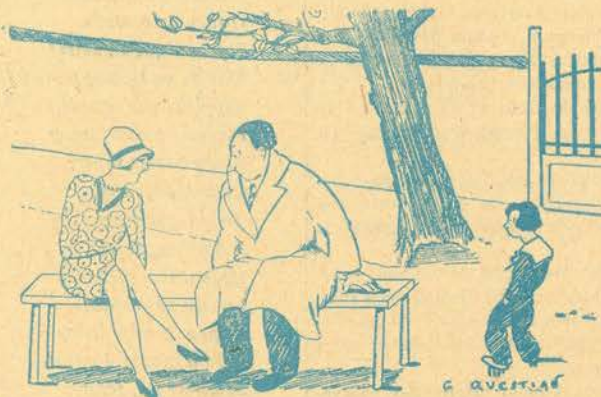
— Eu e os meus camaradas integralistas suspiramos pelo Golf. O Golf é o desporto dos aristocratas e dos fidalgos "vielle roche". Na côrte de D. Nuno é cada golfada, que lhes não conto nada!...

João Ameal.

— O rêmo deve ser o desporto nacional. Façam como eu... que ando sempre a remar contra a maré.

Brito Camacho.

Boa resposta



Ele — O seu filho é uma criança extraordinariamente inteligente...

Ela — E' fantástico que o senhor tenha adivinhado que êle o olha insuportável de estupidéz.

MARIARITICES

Pousa aqui... pousa ali...

As Evas tuberculosas

Um célebre pintor inglês, mestre notável da brocha, anda atarefado, à brocha, em procura dum modelo perfeito de Eva moderna para um quadro que anda a pintar.

O artista confessa-se desanimado, pois só lhe aparecem raparigas com peitos chatos, sem relêvo, e com ancas ridiculamente estreitas.

O pintor tem razão. As Evas de hoje são tôdas cinéfilas e copiam do écran as formas esqueléticas e esfomeadas das Gretas e das Lilians.

Quer-nos parecer que o artista inglês deve encontrar o modelo que procura, não nas raparigas, mas sim nos rapazes de hoje, cinéfilos anfíbios, de formas provocadoras e sorrizinhos à Novarro...

Se lhe não agradarem os rapazes, só tem uma solução: — a nossa MARIA RITA.

Ao menos não lhe faltam ancas nem peitos — louvado seja o Senhor!

Aqui há de tudo

A Exposição Industrial de Lisboa tem sido uma inesperada revelação para todos os beócios portugueses que ficam de bôca aberta perante as maravilhas nacionais que as nossas fábricas e os nossos artistas fabricam e idealizam. Não precisamos da estranja para nada!

Tudo portuguezinho da costa!

Até os país dêste jardim da Europa vão principiar a fabricar aqui os filhos, deixando de os mandar vir de França, onde a matéria prima escasseia cada vez mais...

Aí, portuguezinhos valentes!

A epidemia do Yó-Yó

Yó-Yó! Yó-Yó!

A epidemia alastrou de maneira assustadora, e já é freqüente encontrarmos nas ruas simpáticas meninas com o dedo espetado no anel do cordãozinho Yó-Voesco.

E' moda e, portanto, toca a dar-lhe de Yó-Yó até cansar a mãozinha ou reventar o cordão.

Dizem de Paris que os aristocratas e respectivas consortes usam Yó-Yós de prata, ouro, platina e até com pedras preciosas!!!

Outras donzelas de famílias mais modestas, contentam-se com Yó-Yós de madeira, de lata, de cartão, etc....

O' senhores, até há meninas que os usam de borracha!

A dona Moda é levadinha da breca!

As Belezas da Rua do Ameal

Uma artéria com o sangue adulterado. Uma saída do Pôrto que conduz a Braga antes de lá chegar

E' este o nosso lema, por isso tenham paciência.

A nossa terra é linda!

Lindíssima. Tão linda que tem um sol como não há nenhum outro. Um céu que tem mais azul do que uma drogaria; e um clima que se não fôsem os nevoeiros tôdas as manhãs seria o primeiro da Europa. Mas, infelizmente, no que respeita a coisas reais, a nossa terra ainda tem muitíssimo que girar.

Ocupar-nos-emos hoje da Rua do Ameal, essa grande artéria que dá vazão ao Pôrto, e que é positivamente, pela sua situação, uma das mais concorridas da cidade.

O que há nesta rua

Nada menos que duas fábricas de cortumes, que quando o vento está de feição, perfumam admiravelmente a atmosfera com aquele perfume a coiro que é uma consolação.

Logo à saída da Arca de Agua, começa a haver muita casa, e a não haver passeios, nem valetas, nem escoadinhos.

E durante o trajecto de dois kilómetros que medeiam até à Circunvalação, *as ilhas*, as casas e os palecetes, fazem tôdas as necessidades para a rua, onde há uns carreiritos, a que pomposamente chamam valetas. Nestes carreiros medram ervas de tôdas as espécies. Por entre as ervas nascem os pepinos e ficam dependurados os papéis dos *rebuçados*.

Tudo isto é bucólico e perfuma o ambiente.

A falta de escoadoiro faz paradas de porcaria interessantíssimas, e os mosquitos, as môscas e outros animais domésticos, banqueteam-se e procriam freneticamente.

O que não há nesta rua

E' quem se interesse por estas coisas. Quando lá morava um director da sanidade pública, vamos indo, que ainda era pior. Mas agora é muito mau.

Desde muito pequeninos que calcurriamos esta afamada artéria. Pois desde sempre a conhecemos com este sangue apodrecido de imundície, e tanto faz construir casas como bairros! E' sempre a mesma rua votada ao abandono, à sua sorte, e à sua porcaria que é inevitável.

Olhando-a como merece, evita-se a reclamação que os bracarenses tentam

fazer, dizendo que a Rua do Ameal lhes prejudica o turismo, porque escusam de lá ir, para passar por *baixo* do braço da sua cidade.

Aldrabão, jornal humorístico que em Lisboa se publica, resolveu ajudar-nos na obra de purificação a que metemos ombros. E neste louvável propósito, agarrou os *Ecos de Cacia* pelos cabelos e pespegou com êles em meia página do seu jornal. Obrigados pela cooperação, e pelas palavras amistosas de que acompanha a primeira transcrição.

PERFIS DO PORTO

XXVI

DR. VELOSO DE PINHO



*Macio como um veludo
Tem brando o gesto e a fala.
Se o não deixam dizer tudo
Fica entupido e entala.*

Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

III

JÚLIO BRANDÃO



Sem ser boticário, fêz carreira na «Farmácia Pires»

Pôsto Médico

Venho retomar a clínica. Não fui estudar ao estrangeiro outra especialidade. Este interregno forçado, não foi por menos consideração... A MARIA RITA merece que a ela volte. Não sei se traz nova pintura nas faces, nas unhas, nos cabelos! A que lhe deram seus bons amigos desde o início, de tal modo era fixe que parece remocar. Durante este tempo, quantos males deixei de registar, examinar, curar... Quantas meninas Standardizadas (como Júlio Dantas informa) deixaram de me procurar? E quantos meninos sem chapéu não viraram para... outros colegas? Agora que as gazetas referem que voltei a dar consultas, não me faltarão clientes!? Vejo que continuas a dar Motes para glosas te entrarem para dentro... das tuas saias que daqui a pouco estarão de balão... Vejo que a tua graça tem feito pro-

gressos e proficientes discípulos. Nos tempos que correm (quando tudo se lamenta e aperta a barriga...) só tu é que dás alívio ao fígado. E's uma verdadeira CHOLAGO, chamando a bília à digestão pública! Ainda te põem lenço à cabeça. Queria ver-te de cabelo ondulado (com a permanente de seis meses que por vezes são só seis dias), perninhas à vela, toda num traje tentador, de YO-YO e mais sorridente ainda! Uma MARIRITA para dares na vista, fumista, azougada, último grito, saltos nos sapatos de piorra e boiminha vermelha, em metamorfose, pelo derradeiro figurino. Porque não vais ao barbeiro? Porque não vais à manicura afiar as unhas? Porque não entras na tabacaria? Porque não trazes acendalha e bilhete de identidade na carteira? Porque não escreves contos em papel. Deves ir tomar chá às cinco onde te apreciem. E' do bom tom. Pelas três horas sai de casa assim e verás como os homens te dizem «piropos».

Dr. RACLIMA.



O que faz a gordura

Há dias, o grande actor Chaby Pinheiro encontrou-se em Lisboa com um tripeiro de gema que orça aproximadamente pela sua avantajada estatura e cujo nome pedimos vénia para guardar.

Palavra pucha palavra, bairrismo pucha bairrismo, acabou a sua acalorada discussão na relência pessoal, e são alguns desses formosos epítetos trocados mutuamente, que eu para aqui transplanto, mudados em letra de fôrma:

CHABY, num arregaço, gesticulando com os braços à altura do pescoço — Ora o mastodonte! Ter a coragem de me chamar gordo, êle, que se quiser entrar num automóvel, tem que ser com a ajuda de uma calçadeira!

O OUTRO, com as três pregas do pescoço vermelhas como um tomate — Sim, eu talvez, para entrar, precise duma calçadeira! Mas o senhor, para sair dêle, só desarmando a carrosserie!

CHABY, sempre a gesticular — O senhor estava bom para Lord Maior de Londres; porque era, sem dúvida, o maior Lord de todos!

O OUTRO, cada vez mais atomatado do pescoço — E você, se fôsse ministro, ninguém lhe conseguia pedir um favor qualquer! Pessoa que andasse à sua volta a pedir-lho, acabava por se cansar e morrer estafada!

CHABY, esbaforido — Felizmente que você não passa dum banal quidam. Se fôsse alguém e lhe tivessem que erigir uma estátua lá no Pôrto, nem toda a pedra do Monte Pedral chegava para ela!

O OUTRO, da côr dum pimento curtido — Eh, bôia! Nunca se banhe no mar, senão sobe a maré!

CHABY, com os braços à laia de asas de enfusa — Vá dormir para um hangar, se quer dormir à vontade!

O OUTRO, congestionadíssimo — Não tem vergonha! Quando faz um fato, todos os alfaiates de Lisboa tem que trabalhar horas suplementares!

CHABY, risonho — Pois sim, mas não me tomam, como a si, a medida da cintura, por cálculos algébricos!

O OUTRO, afastando-se lentamente, resmungando, atira-lhe com esta, já de longe — E' verdade, ó sr. Chaby! Dizem que quando o sr. se fotografa, sai sempre uma ampliação?

Dr. KNOX.

“Maria Rita”

E' este o título duma peça que os nossos camaradas lisboetas, Ernesto Rodrigues e João Bastos, meteram a ensaios na Companhia Apolo.

Deus queira que tenha tantas representações, quantos números de vida para nós desejamos.

MARIA RITA ufana-se por se ver lançada à ribalta por nomes tão distintos e faz votos para que o público possa morrer de riso...

Aos festejados escritores, MARIA RITA agradece a honra da deferência.

DESCANSO SEMANAL

Como prometíamos no nosso último número, cá estamos hoje a escarpelar os diários da nossa terra.

Comecemos pelo

“O Comércio do Pôrto”

esse formidável baluarte da pureza da nossa língua, e gigantesco arranha-céus da caridade anónima.

São do seu número de 18 de Outubro, e fazem parte de uma correspondência de *Vilar de Andorinho*, os seguintes períodos:

Vilar de Andorinho, 16 — *Consta-nos que está pronta a nova matriz urbana desta freguesia, o que todos os proprietários de Vilar de Andorinho estimam a fim-de que desapareçam muitas diferenças e desigualdades que haviam na matriz velha, que já fora feita segundo nos informam, há cerca de 60 anos!*

Constituíram a comissão que fez a nova matriz desta freguesia os srs. José Ferreira dos Santos, presidente; Vitor dos Santos, secretário; e Acácio Lameiros Magro, vogal.

A-pesar-de ser observada a esta comissão muita boa vontade de acertar e o cuidado com o serviço de que foi encarregada, sendo bem visível o cuidado principalmente do seu presidente todos os proprietários devem examinar a nova matriz, estando em reclamação.

Como vêem, este português é perfeitíssimo. Chega a gente a ter saudades dos *Ecos de Cacia*.

Continua...

— *A nossa terra progride. Os povos procuram instruir-se e pela sua instrução se interessa o Estado.*

A lavoura, a industria e o commercio desenvolvem-se, estendem-se as linhas ferreas, telefonicas e do telegrafo por toda a parte, os transportes de toda a especie estreitam-se e embora em caminhos e estradas ainda haja muito que fazer, melhorarem muito; porem, em relação com o progresso do mundo, ha pouca humanidade. A cada passo verificamos como o homem trata os animais domesticos, como espanca o boi como apedrejado e o cão e como assusta o gato, etc.

Seria louvavel que todos, mas principalmente aqueles que têm a seu cargo a instrução, agitassem um grande movimento em prol da humanidade!

Ensinar á rapaziada a não fazer ao seu semelhante o que não quer que lhe façam. — A. M.

O sr. A. M. pode ter razão em lastimar-se assim! Quem sabe se já teria sido apedrejado! Ou espancado! Ou estreatado no meio dos transportes. Mas o que nós defendemos, em nome de todos os professores, é que eles *agitem um grande movimento, em prol do seu*

semelhante, que é o boi apedrejado, o gato espancado, o cão corrido, que leva a corda, agarrada ao rabo, que leva o linho prã Ribeira Mota.

Arre Diabo!

Agora, do vetusto

“Jornal de Notícias”

esse admirável Diário, que quando há um crime qualquer, faz reportagens tão minuciosas, que até descreve a côr do céu, e a beleza da paisagem.

São do seu número de 19 de Outubro as palavras que vão ler-se:

Por Mirandela

«Diário de Notícias»

Mirandela, 15 — *Teve efectivamente, logar, ontem, pelas 17 horas, a inauguração do «Placard» do «Diário de Notícias».*

Uma assistência selecta e numerosa, sobretudo pertencentes á classe militar e civil, assistiu ao acto.

Uma bandeira nacional cobria por completo o «placard» a qual foi descerrada pelo vereador da Camara sr. Eloy Costa.

Reboou nessa ocasião, pelo espaço, uma estrondosa salva de palmas, ficando então a descoberto o primeiro «placard» que saudava, em nome do jornal, toda o povo da nossa encantadora vila transmontana.

Seguidamente foi pronunciado, pelo sr. Alexandre Certã, um carinhoso discurso, inalterando a população mirandense e as vantagens do referido «placard».

Falaram ainda o sr. tenente Faria e outros oradores, que agradeceram em nome dos habitantes desta pacata vila, as palavras elogiosas do orador.

E sempre na vanguarda, mais um melhoramento a registar para a nossa querida terra.

Ao inspector do «Diário de Notícias» agradecemos a gentileza com que nos recebeu e as palavras elogiosas que proferiu em prol do nosso presado director, ex.mo sr. Anibal de Moraes.

Que linda devia ter sido esta festa! Foi pena que não pudéssemos assistir as classes eclesiásticas! E quando *reboou pelo espaço* a estrondosa salva de palmas, e o sr. Certã pronunciou um *carinhoso* discurso, o povo Mirandense ficou com a certeza que estava na vanguarda do progresso.

E nós também nos congratulamos, com as palavras ditas em prol do amável director do *Jornal de Notícias*; o que não sabemos é o que teria êle com o *placard do Diário de Notícias*.

Agora do

“O Primeiro de Janeiro”

No número de 19 de Outubro também. Tem a palavra aquele seu correspondente de *Aves*, que já uma vez foi *puleado* pela MARIA RITA. O homem-

zinho tinha-se calado, e muito bem; mas agora volta à carga.

Aves — Santo Tirso, 17 de Outubro — *Aves caminha a passos agigantados no caminho do seu progresso. Nada nos falta para que esta freguesia se torne em uma vila, tal o seu desenvolvimento comercial e industrial, e, para o quê vejamos: Possuímos estação de caminho de ferro (que por irrisão se chama Negrelos), Estação Telegrafo Postal, telefone, dois talhos de carne de vaca, dois de toucinho, quatro padarias, uma doçaria, cinco alfaiatarias, quatro sapatarias, uma serralheria, um ferreiro, uma casa de aluguer de bicicletas, quatro barbearias, tabernas e mercearias de carne dezanove, um café, três pichelarias, três farmacias, um consultorio medico, um fotografo, a Fabrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela, a Fabrica de Tecidos e Fiação do sr. Machado Guimarães, três lojas de ferragem com cal e telha, dois negociantes de madeira, dois campos de foot-ball, uma ourivesaria e relojoaria, um armador, etc... Mais cousas nos faltam, é certo, assim como mais algumas casas para escola, um recreio, um jornal semanario, uma casa para teatro e cinema, um bom restaurante, e vá, tambem uma corporação de bmeiros.*

Belezas naturais temo-las como poucos, mas faltam-nos alguns adornos, como por exemplo, alguns jardinzitos para os quais temos lugares esplendidos, um hospital tambem não nos ficava mal, e cremos que o podemos esperar da benevolencia do sr. conde de Vizela a quem já muito devemos. Porém, além disto que nos falta, já podemos dizer que a nossa terra, esta nossa freguesia que se chama Aves, é uma das maiores do concelho de Santo Tirso.

Leram V. Ex.^{as}? Viram quanta coisa bonita, *Aves* já possui? E se calhar não notaram falta de nada!... Ceguinhos! Vejam lá se não falta um ferrador?! Também não há dúvida que faz falta lá um semanário! Já agora, é preciso que a gente tenha assunto! Mas um ferradorzito, onde o correspondente do *Janeiro*, fôsse aparar os calos, faz uma falta danada.

Para fechar, do mesmo jornal e da secção dos Anúncios, recortamos essa jóia preciosíssima:

Salvê, 29-9-932

Hoje ao romper do dia ouvi uma voz quã dizia que alegremente fazia mais uma risonha existencia no seu natalicio jardim, e ao ao mesmo tempo encontrei o meu amigo sr. Joaquim Augusto de Carvalho, que colhia num conjunto 53 primaveras, onde peço que se prelongue por muitos anos que lhe deseja o seu dedicado amigo, Abílio Ferreira Campos.

E ainda há quem diga que Portugal é um país de analfabetos! Mentira! Tudo mentira!...



Promoção por distinção

Quando da recente guerra civil no Brasil, seu Gêtulio visitou à frente de batalha.

Elogiando a acção de seu Góis Monteiro, comandante das tropas federais, admirou-se de ver em um alto monte dois formidáveis canhões.

— O é! — diz — *mais qui trabalho devia ter dado pôr êles ali em cima!* E qui quantidade di pêssoal!

Volve o comandante:

— Nem por isso... Foram guindados apenas por dois cabos.

— Dois cabos apenasmente? — Prô-mova êles imediatamente à sargento!

O Embaixador

Caipira Júnior foi nomeado Embaixador do Brasil junto do Governo da República Francesa.

Como sabia pouco francês, ficou um tanto encabulado.

Por tal, encomendou a redacção de um discurso em francês, para dizer ao Presidente da República.

Partiu.

E no dia marcado, o Sr. Presidente recebe-o em audiência.

Estão presentes, além do Ministro dos Estrangeiros, os chefes de protocolo, casa civil e militar.

Caipira, entrando, faz uma vénia e, pigarreando o catarro, dá início à leitura:

Monsieur le Président de la République Française:

J'ai l'honneur de vous présenter...

Nesta dimensão, o nosso homem, constata que, fazendo a vénia ao Presidente, nem por isso cumprimentara os circunstantes, e diz, mesmo em caipira:

Me desculpa, Prêssidenti... Me esqueci di cumprimentar o pêssoal...

Mas, de repente, lembrado de que lhe não era lícito falar brasileiro, baixando a cabeça, diz em *bom francês*:

Boujour... pêssoal!

Excerto de uma conferência

profilática

A febre amarela é veiculada pelo terrível paquiderme, qui se chama mósquito.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta

:: forma, terá graça de graça ::

FEIJOADA BRASILEIRA

ANEDOTAS, LARIAS & PIPAROTES

Há duas espécies di mósquito: o mósquito macho e o mósquito fêmea. O mósquito macho é o mósquito prôpriamente dito, mas o mósquito fêmea não sei mêmoo como si chama.

O eterno Hermes

Conta-se que Hermes da Fonseca, então Presidente da República, visitou

a Alemanha. O Kaiser, que, como os conspícuos leitores sabem, era um *gajo*, na expressão lapidar do nosso D. Carlos, recebeu-o com espavento, não tanto por Hermes como por si próprio.

Um dos números do programa era uma formidável parada militar.

Guilherme II, acompanhado de Hermes, passa revista às tropas, e para mostrar-se em tôda a sua grndeza, interroga vários soldados:

— E's amigo do teu Imperador?

— Sim, magestade.

— Amas a tua Pátria?

— Sim, magestade.

— E serias capaz de por uma e

outro dares a tua vida?

— Sim, magestade.

— Então, dá um tiro na cabeça.

E o soldado matou-se.

Pouco tempo depois, um príncipe

alemão visita o Brasil.

Hermes pretende em tudo imitar o Kaiser, com parada militar e tudo.

Na revista, vá de interrogar o soldadinho:

— Me diga, você ama o Presidenti?

— Si, siô.

— E a sua Pátria?

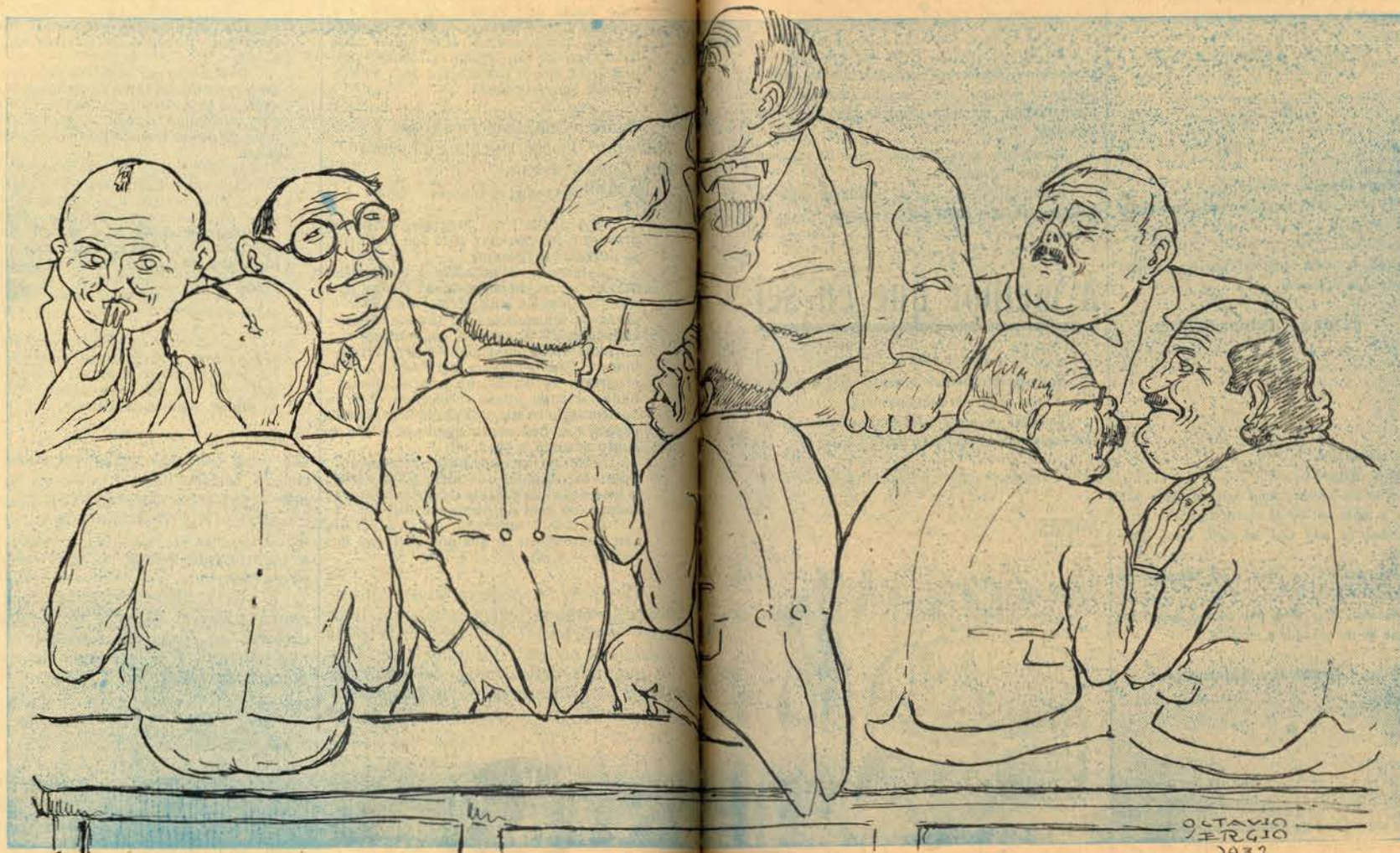
— Também, si, siô.

— E, me diga: você é capaz de se

sacrificar-se por uma e outro?

— Si, siô?

SAÚDE PRA TODOS



— Bebamos pela saúde de todos os infelizes.

— Então pegue nesse trabuco e deu um tiro em baucê.

E e soldado, de olhos arregalados:

— Tá besta, Presidenti!

Brinde num jantar aniversariante

Em casa di Manduca Soárés si está bem como em Pinêdo em fundo di abismo.

Manduca, rapaz benigno, benficiente e primáturo... eu bêbo à saúde di êle...

Nesta altura levanta-se outro convida e diz:

E eu ábundo ná razão directa di á mesma:

Hupa! Hupa! Irra! Hupa! Hupa! Irra!

Final estupendo de um estupendísimo discurso de intercâmbio

luso-brasileiro

Portugueses! Se acabou-se o nati-

vismo!

— Eu sou irmão di bancês... Vamo tomá café ná Tijuca.

Sessão parlamentar

O Sr. Presidente — Tem a palavra o nobre deputado Dr. Carvalho Filho.

O Sr. Carvalho Filho — Senhores! Venho agora mesmo di S. Paulo ondi fui bótá filores na campa tumularmenti mortuária de meu fálécido Pai, o nobre deputado Carvalho Pai...

Vozes da galeria — Dá o fora, pêssoá, qui está enxóvãhando à nação.

Toma depois a palavra, o deputado Général honorário Dr. Filores da Cunha.

Sua excelência, referindo-se à estátua de Pedro Álvares Cabral que está na Praça da Glória:

— Presidenti! São horas di tirá di ali áquelu galêgo di bronze!

(Aplausos da Câmara).

Epitáfio

Aqui jaz a carneira
Caetana Rosa de Brito,
Morreu numa quinta... feira,
Quando esfolava um cabrito.

BISNAU.

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre

:: :: :: :: em aumento :: :: :: ::

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

N.º 1

A' porta duma riquíssima *vila* do Estoril, bateu um pobre diabo.

Veio a criada abrir, e deparando-se-lhe o pobre da véspera, increpa-o:

— Mas você não tem vergonha! Ainda ontem lhe dei de jantar. Você julga que eu não me lembro?

— Bem sei. Mas o que eu julgava é que a casa já tivesse mudado de criada.

Remetente: Assinante n.º 701.

N.º 2

Entre dois exploradores do continente negro: — Então, meu caro amigo, como achou você os selvagens do Centro de África?

— Encantadores, sòmente! Encantadores. Receberam-me duma maneira tão formidável e gentil, que me vi tolo para não fazer parte da sua mesa.

Remetente: Mariazinha.

N.º 3

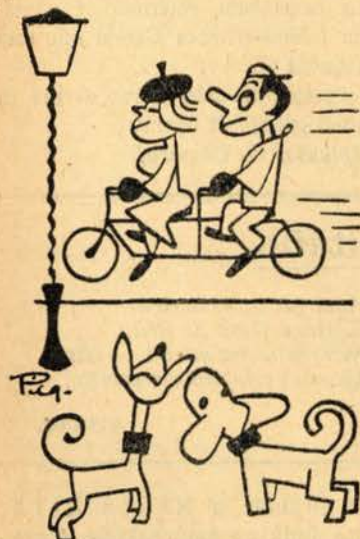
Indo por uma rua certa senhora grávida, e levando papelotes no cabelo, um estudante que a encontrou, lhe perguntou:

— Aluga-se a casa?

— Vossê ou é tolo ou cego, respondeu a mesma senhora, não vê que tem gente dentro?

Remetente: Guerra Anjos.

Pois está claro



O cão — Se fôssemos nós, atiravamos com um balde de água fria.

N.º 4

Estando uma patroa em ajustes com uma criada, aquela avisou-a:

Aquí nesta casa tudo tem — Dom.

Passados dias, estava a ama tratando da sua *manicure*, quando lhe aparece a criada dizendo:

— Oh Sr.ª D. Maria — o Sr. D. Gato fugiu com a D. Posta do Sr. D. Bacalhau na D. Bóca!...

Remetente: Bobo Real.

N.º 5

A senhora para a criada:

— Olhe para isto, Maria: os móveis tem tamanha camada de poeira que eu escrevo sòbre eles o meu nome, e lê-se bem.

A criada:

— Ora veja, minha senhora, como é bom ser-se instruída!...

Remetente: Assinante n.º 723.

N.º 6

A senhora idosa ao cavalheiro:

— Pois olhe, caro senhor. Ainda ontem me deram 30 anos!...

O cavalheiro:

— Acredito, minha senhora! Mas no seu lugar preferia que mos tirassem.

Remetente: Fernanda Pires.

N.º 7

Entre estudantes.

— Sabes Mário?

— Acabo de receber uma carta de meu pai, dando-me a triste notícia da morte da minha avó:

— Porisso já não vou ao club, como tinha combinado.

— Tens razão!... Mas aqui ninguém te conhece...

— Pois sim, mas meu pai com o desgosto, esqueceu-se de me mandar a mesada.

Remetente: Amarantino.

N.º 8

Uma bela manhã um cavalheiro entra no consultório de um médico de nomeada, especialista em certa enfermidade que não vem ao caso.

— Doutor... eu queria saber se há algum meio de chegar a uma idade bastante avançada.

Poderei, por exemplo, viver até à idade de cem anos?

— Que idade tem o senhor? — perguntou o facultativo.

— Quarenta-e-cinco anos.

— O senhor bebe?

— Não Doutor.

— Fuma?

— Absolutamente.

— Gosta das refeições finas, condimentadas?

— Não, Doutor.

— Tem outras preferências particulares?

— Não, Doutor.

— E' dado a aventuras amorosas?

— Oh! Doutor! Por quem me toma o senhor?

— E' casado, ou tencionia fazê-lo?

— Não Doutor.

O médico sorriu, e perguntou afinal:

— Mas, meu caro amigo, para que quer, então viver até cem anos?

Remetente: Horácio Ferreira.

N. B. — Para colaborar nesta secção não se torna necessário o preenchimento do cupão. Diversos pedidos neste sentido recebemos de colaboradores que não desejam estragar a sua colecção.

Atendendo-os, não fazemos mais do que cumprir um dever gratíssimo.

Basta, portanto, que o remetente diga no cimo da anedocta que é para a secção

A melhor que eu sei

No próximo número diremos qual o número da anedocta premiada nesta semana.

Também se pede o favor de não mandarem anedoctas que ocupem mais de 15 linhas.

Sopas



Ela — O sr. gosta de sopas?

Ele — Gosto, mas você não diga nada à senhora.

FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL



Minha querida MARIA RITA:

Tenho tido uns poucos de pesadelos, por causa da descoberta de uns sábios suecos. Imagina tu que, tendo partido para a Groenlândia, a ares, encontraram por lá vestígios iniludíveis de um peixe quadrúpede.

Isto tem-me feito uma confusão diabólica. Não diz a notícia que vestígios foram, nem isso interessa para o caso; quer fôssem as pegadas do bicho, quer fôssem as suas impressões digitais, estava tudo tão fossilizado que, no dizer dos sábios descobridores, o animalejo era com certeza pre-histórico.

Nunca fiando. Ali a Baixa já é um aquarizinho muito respeitável; vê a gente muitas «pescadas» a pé, alguns «tubarões» de automóvel; e também, em vária locomoção, algum «peixe-espada». Por isso eu encaro com terror a hipótese de encontrar por lá, um destes dias, uma baleia com grandes barbas e quatro *butes* temerosos que me esmaguem. Dir-me-ás que a baleia não é peixe? Sabe-se lá. Também ontem me dirias: — o peixe não é quadrúpede. E afinal, partindo para a Groenlândia, mudarias de parecer.

Quem dera que Buffon voltasse a este mundo! Ou mesmo apenas Lacépède, seu pouco eufónico mas muito sábio continuador. Tu verias. Tinhamos uma revolução na História Natural. Com botões de rosa nos punhos de renda, um deles traçaria este quadro fiel:

— «Nos tempos primitivos, eram os peixes cidadãos prestáveis; mas consideravam-nos, injustamente, belicosos; unicamente porque, num mundo que vivia em paz, os peixes não prescindiavam da guerra. Foram, por isso, perseguidos; e em resposta, os peixes deixaram cair os braços; deixaram-nos cair até ao chão, sendo esta a primeira greve dos braços caídos que se regista na História. Assim quadrúpedes, assistiram ainda ao desenrolar de várias gerações. Quando viram os bonitos resultados que davam dois pés e duas mãos; quando viram os homens desentenderem a vida, o mesmo fazendo alguns peixes grandes que não acompanharam a greve, (ainda hoje conhecidos por «peixões»); quando sentiram, numa palavra, que toda a terra era uma floresta a arder, passaram palavra uns aos outros, reuniram-se em chusma à beira do Oceano, e, trocando os quatro pés terrestres por muitos pés de profundidade aquática, — puseram as barbatanas de molho. Assim ficaram como hoje são».

Deve ser isto. Aquele que os sábios encontraram na Groenlândia, visivelmente petrificado, era um retardatário, um passageiro que perdeu o combóio. Enquanto a terra fôr o que é, escusamos de recuar que os peixes se arrendam e abandonem o mar.

(Vamos a ver se, tendo desabafado no seio da dedução, — durmo melhor esta noite...)

Agora, em todos os casos policiais, em todos os meandros do crime, existe uma divindade a que se recorre pressurosamente, (como antigamente recorriam ao «responso de Santo António» as nossas avós que perdiam os *mitênes*). — É a impressão digital.

Ainda bem um crime não foi descoberto, e já as impressões digitais andam numa roda viva, como abelhas afanosas cujo cortiço é o xelindró.

Muitas vezes, a coisa pega. Outras vezes, falha. É que, aqui para nós, eu creio que a impressão digital assume vários aspectos. Sim. Todos nós temos «um dedinho que adivinha»; — a única dificuldade consiste, para nós, na localização desse dedo, entre os vinte que Deus nos deu. Da mesma forma, e a respeito de todos os assuntos, e especialmente dos que desconhecemos, todos nós temos a impressão disto, a

impressão de aquilo... Conjugando esta forma de palpito com a facultade adivinatória do dedo, teremos que, mesmo à face dos dicionários, uma impressão digital pode definir-se assim: — estado de alma da pessoa que deitou um dedinho a adivinhar...

Há cá em Lisboa um patusco muito divertido, que, tendo resolvido entronizar a espreiteza de rato no altar do talento, conjuga o jornalismo com as suas pequeninas e inofensivas aspirações pessoais...

É divertidíssimo ver o homenzinho singrar, nos seus artigos de primeira página, entre as duas águas, geralmente turvas, de que lhe pode vir pesca.

Volta e meia, com grandes rodeios, elogia este, elogia aquele... Já o vi elogiar um potestado de curta duração, — de quem precisava para ir passear a Paris; e vários políticos de várias situações, sempre na altura psicologicamente útil.

Agora, anda todo dado às direitas, — sempre com seus tagatês para a esquerda, não vá ser o diabo negro... Ainda hoje o li, de razão. Enterra e aniquila vencidos de ontem, que ontem entrevistou e bajulou... Mas de mistura, e porque o que neste momento lhe convém a ele não convém nada ao jornal em que escreve, doira a pilula com elogios quentes a entidades de sinal contrário, — que pertencem aos Conselhos Fiscais dos patrões.

Um mimo... Uma suave delícia... Ah, MARIA RITA! Não há teatro, não há sonoro, não há futebol, não há nada, que valha o que vale um lugarzinho de primeira fila... no palanque!

Deus me não castigue. Mas acho divertido, divertidíssimo, que em Genebra ande tudo num reboliço, num verdadeiro pé de guerra.

Em qualquer outro canto do mundo, tinha pena. Ali, — encanta-me.

Na capital da paz universal, no berço da concórdia dos povos, no foco e tabernáculo dos Estados-Unidos da Europa, em Genebra, um sarrabulho com tiros, apupos, apitos, pranchadas e correrias, (como cá se dizia nos tempos omínios em que a guarda municipal «acutilava o povo»...) — parece uma invenção de um humorista desanstinado!

Mas é verdade. Vai por lá o diabo, e à solta. Genebra, alto-falante da paz mundial, — é uma cidade em cujas ruas tem campeado a guerra-civil. Lembra-me aquelas beatas de recorte antigo, que andavam de sacristia levando Satanaz no coração...

Peço-te que por mim apresentes pêsames aos pacifistas.

E dispõe do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Oração à luz...

...à Luz Carneiro

Linda luz, ó luz, ó luz,

és o resultado dos grandes inventos eléctricos.

Ao longe és como os insectos que o vulgo chama arincus...

Inácio de LANHOLA.

Rectificação

De um condutor muito conhecido cá no burgo e ao qual a MARIA RITA várias vezes se tem referido com palavras de inteira justiça, recebemos a carta que vai lêr-se e que bem demonstra a ingratitude humana, e como é mal conhecido o humorismo entre nós.

Senhores da MARIA RITA:

Nunca tinha ligado importância ao vosso semanário, porque 10 tostões já dá para duas zonas; mas há dias, alguém me mostrou a vossa peça «Dois com traço» e senti que algumas das suas *passagens* se intronem *cumigo*. Trata-se duma senhora e eu sou amável para com todas. Se não tinha ido aí à redacção e partia-lhe a cara a todos.

Primeiro, porque não sou Landru. Tenho a cabeça grande, mas não costumo assar ninguém. O que eu quero é pra cá o arame.

Segundo, eu não sou malcriado. Gosto de me *advertir* c'os passageiros d'ambos os sexos, mas *num* deixo ir ninguém de *borliu*. Se me puseram o nome de Landru foi porque *num* me escapa nenhuma mulher ao alicate. Todas tem de pagar o seu patau.

Agora o que vos digo e repito é que se vos encontro na rua, tendes de fazer uma *paragem obrigada*, e algum de nós tem de ir *parar à remise* de Agramonte.

Cada um é como é, e eu *num* tenho culpa de ser assim. O que vocês arranjaram é que me chamem agora o Landru da MARIA RITA, como se ela andasse no meu carro. Do que Deus a livrar! Tinha de pagar dois bilhetes, quando não que fôsse deixar as *abrobas* em casa. E a esse senhor da Arte e Manha, que se quer meter *co'a* minha vida, ainda lhe hei de passar bilhete pró Repouso.

Landru ou Broa, ou lá o que quiserem.

Segue-se o reconhecimento,

E nós, que sempre lidamos com lisura e correcção, temos a declarar que realmente o Landru não é quem ele pensa. O Landru é outro muito mais cabeçudo e *delicado*.

O Landru não é este que nos escreve a fina carta que acima deixamos, cumprindo uma penosa obrigação da lei da Imprensa.

O Landru que temos focado, é outro condutor, muito mais *broeiro* do que este, e que tem por costume fazer graça à custa de quem paga. O Landru é um tipo muito mal feito, com as pernas tortas, escorrendo-lhe água pelos cantos da bôca, e com uma cabeçorra que parece feita de louça das Caldas, com aquela molazinha que as faz abanar constantemente.

Para não haver confusões entre o pessoal da Carris, qualquer dia vamos dar à estampa a vera efígie desse mastodonte. Até lá, porém, vamos-nos divertindo com ele, e no próximo número daremos a *Tercera Landrusada*.

Meia bola e força...

Um neurasténico, sentindo o bostunto um tanto gasto e avariado, consultou um neurologista distinto, com prática nos hospitais da Alemanha.

O psiquiatra concluiu por diagnosticar falta de limpeza nas ideias do doente e por tal disse-lhe:

O seu caso é curável. Deixe-me o senhor ficar aí os seus miolos que eu com uma ligeira escovadela ponho-os como novos.

Resolutamente, o nosso homem, atirou-se gentilmente de um 5.º andar abaixo só para abrir a cabeça, e sacudido da poeira, levanta do chão os miolos, embrulha-os em um lenço de assoar e leva-os ao médico.

— Aqui tem, doutor. Quando devo voltar?

— Isto de aqui a 15 dias fica pronto.

Sai o doente, e o psiquiatra, com a paciência de um relojoeiro, vá de meter mãos ao concerto da avariada mioleira.

Passaram 15, 20, 30 dias e o homem nada de aparecer.

Então o médico resolveu escrever ao doente, comunicando-lhe que o trabalho estava pronto, e que, com o tempo agora húmido, se êle não apparecesse já, tinha o seu perigo de apodrecer a mioleira.

O doente não demorou a resposta. Ei-la:

«Meu caro Doutor:

Muito grato pelo seu cuidado.

Deixei aí os miolos porque precisava dêles arranjados para pensar na porca da vida.

O meu problema económico, foi, porém, de súbito, resolvido com a minha recente nomeação para o lugar



Os nossos colaboradores



O Dr. Zoopirrotécnico, autor das brilhantes lições de zoologia da nossa revista.

de Professor da Universidade, pelo que me é absolutamente impossível tornar a usar essa porcaria.

Deite a mioleira aos ratos, ou coma-a com ovos.

Seu muito afectuoso,

F.º

Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

IV

O Cão

(*Canis lupus calotis*)

Lynen

O cão,—*canis lupus calotis*— é o macho da fêmea que usa o nome de cadela.

Explicaremos em primeiro lugar, a razão de se chamar cadela e não cã, coa ou ainda pior do que isso, à excellentíssima esposa do Sr. Cão.

No principio do mundo, o pobre animal, que não usava coleira nem pagava impostos, andou errante à procura do seu focinho metade. A todos os transeúntes perguntava: viste-la minha mulher? Que é dela a minha mulher? De corrupção em corrupção, que é dela, que é

dela, deu cadela, o que é muito natural, ainda que o não pareça.

Ora o cão, no dia em que encontrou o atrás mencionado focinho metade, soltando verdadeiras risadas de cristal por entre o alvoredo, pôs-se a assobiar de contente e logo concertou com a cadela montarem uma indústria de cãesitos na primeira infância, sob a marca registada de cachorros.

O cão descende do lupus, o qual se emprega no fabrico da cerveja.

Os modernos bacteriologistas, depois de aturados estudos nas bactérias de artilharia da Serra do Pilar, descobriram que o cão não é um animal, mas sim uma doença e por sinal contagiosa.

O cão pega-se à cadela e para debelar o mal não chega muitas vezes um cântaro de água fria.

O cão, sendo um animal doméstico, como as aranhas e as sogras é imprescindível na sociedade moderna.

Se não fôsem os cães não poderiam viver muitos capitalistas do nosso conhecimento.

Zoopirrotécnico

Professor de Zoologia no Instituto de Socorras a Naufragos.

Elegâncias académicas

Partidas e chegadas

Partiu a cara a um desgraçado caloiro, o consagrado quintanista Valente Brandão.

Por sua vez, o caloiro chegou... a cair.

Aniversários

Faz hoje precisamente 5 anos que era caloiro o quintanista de Medicina e nosso particular amigo, Sr. José Fernandes.

Vivas felicitações.



Quem é?

Prototipo da lisura
Este doutor. Bom rapaz...
Em qualquer crise, a mais dura,
Da operação é capaz.

Trata dos olhos com jeito,
Com saber invulnerável;
Aprumado e escorreito,
Seu aspecto é agradável.

Mona para Pinto Bessa,
Usa luvas e bengala.
Não adivinha? Homessa!
Vê-se na horta quem fala! ..

(Gaita). **ALVACARSO.**

Anexim

Tenho em casa um bichaninho
Sonolento e sossegado.
Sem querer calquei-lhe o rabinho
Quando ele estava sentado

E o bichano, coitado,
Miando bem se lamenta
Dando razão ao ditado:

MONTEIRO II

Decifração do número anterior: *Quem é?* —
Dr. Cardoso do Carmo.
Matadores: Sepol, Monteiros I e II, Oinotna,
Reirobi, João da Sê, Satiert ed Milled, Lizé, Zé
Barão, Octávia Maria, Kika, Rofeu, Venâncio da
Praça, Alvacarso.

Pensamentos sérios

FEITOS A RIR

*A vida é cheia de surpresas e incoerências.
Põe-se hoje de lado aquilo que ontem se tinha
por bom.*

*A vitória eleitoral do partido húmido, na
América do Norte, nada tem de extraordinário.
É próprio da estação que se aproxima dos
mortais com todo o perigo de gripe e reuma-
tismo — o inverno. De admirar seria se fôsse
no verão, em que tudo anda com uns calores!*

*A derrota dos secos, dá assim uma ideia
dum pano que, depois de servido, se tornou em
farrapo e, por isso, se põe de lado por não
prestar para nada.*

*O S. Martinho, que a nossa MARIA RITA
encaixilhou no último número, fêz-me rir
com vontade, lembrando-me daquele pãdegão
rei Menelau criado por Fialho, que quis comer
pão amassado com o suor do rosto e que, por
fim, morreu de indigestão.*

ALICK.

História psico-neura

Era uma jovem precocemente don-
zela e dêle, que avelhentada pela mocidade dos oitenta anos e pico, faial e corvo, resolveu enamorar-se, vindo a casar no registo médio com o marido, de quem era viúva póstuma, por se ter aman... cebado, porco e suíno, com o inventor das papas de serrabulho à moda de Braga & C.^a, modas e confecções.

Dava pelo nome de Gertrudes da Purifi... cação, linguado e sardinhas. Teve quatro filhos de seis ventres, dois abortos já homens e três desmanchos ainda menores e analfabetos. Os três desmanchos, depois da maior idade, casaram com os quatro irmãos que eram filhos, sendo padrinhos do consórcio os abortos já falecidos.

O marido da vi... uva moscatel, — criatura irracional e fabricante de se... mentes tu, onde estavas tu? estava em casa do sr. abade, etc., — tinha uma amante que possuía um vigésimo aborto em cautelas e caldos de galinha nunca fizeram mal a doentes, que o atraçoava com um alferes hidrópico de hidro-aviões, promovido a galucho por distinção do quadro de reserva. Ora bem. Até aqui nada há que se não explique; agora, porém, é que principia a confusão.

A sogra do feto enfrascado que era criatura do sexo mascu... Lino, da Silva & C.^a, resolveu comprar um Y6-Y6 de magnésia calcinada com incrustações de sulfato de soda, tendo,

por essa ocasião, rebentado o paiol da pólvora de conserva congelada, própria para exportação aos domicílios por meio de tubos aspiradores.

Perante êste superavit de des... graças a Deus, a Gertrudes, — a nossa heroica heroína da rua do Heroísmo, — sentiu um calor "frigidaire" percorrer-lhe a espinha dor... sal e pimenta até ao temporal desfeito, ao parie... tal, etc., e tal, juntamente com cócegas no oc... cipital da Misericórdia.

Chamado vagarosamente à pressa o galucho, — que era capitão em serviço passivo, — êste, com o auxílio do canal da Mancha e Nódoo, carregado de grelos à provinciana, conseguiu provar à evidência que Staline mais Mussolini, igual a Hitler, mais "nazi" menos "nazi"...

Foi então que o marido ul... trado de preto, pegou no taboleiro superior da ponte Luís 1.^o meteu-o no bolso das calças, e atirou-se no rio de ouro de dezóito quilates.

A viúva virgem que tinha tido três filhos, e ficou, portanto, sendo carteiro supra, ao saber da má nova comprou um exemplar da MARIA RITA e foi para a Foz tomar o fresco debaixo da Per... gola de peles para sobretudos.

Começaram a chover postas de bacalhau cosido a pontos naturais, sendo o marido recém-nascido obrigado a abrigar-se debaixo dos Pilatos salientes dos meninos de purp... urina, chi-chi e outros refrigerantes.

Vá lá uma pessoa livrar-se duma destas!...

LEIDOAR.

Uma glosa

Eu não sei porque te custa,
Tão pequeno sacrifício,
Não lhe chames artifício,
Já te tenho dito Augusta.
E' coisa que não me assusta,
E por isso não retires
Confiança. Peço, tires
A tua fotografia,
Não sejas cruel Maria
Dá a César o que é do Pires.

Rei LOURO.

VIELA DOS GATOS

E' assim que se chama a próxima peça dos nossos directores, Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa. Sob a cena ainda êste mês no teatro Carlos Alberto, e foca os aspectos mais bairristas do nosso querido Pôrto. Quem se lembrar do **Garoto da Ribeira**, deve fazer ideia do que será a **Vielas dos Gatos**, uma peça nossa, dos nossos, e para nós todos.



COISAS DE FORA

O terrorismo na estranja

A paz em Genebra

Genebra, 13—Esta cidade que foi escolhida internacionalmente, para centro mundial da Paz, está em guerra. Greves, tumultos, mortes, etc., etc. O edifício da *conferência* do Desarmamento, está defendido por metralhadoras e canhões. E este pequenino país, que nunca teve uma revolução, desde que para cá vieram os pacifistas de todo o mundo, desatou a sentir-se mais revolucionário do que um purgante de sulfato.

Bale, 14—Também por aqui cheira a esturro. De tal forma que os pacíficos suíços exclamam em unísono, aos seus irmãos de *Genebra*: Isso não Bale! Consta que a esquadra suíça foi chamada a toda a pressa.

Nova-York, 14—Causou enorme impressão nos partidários de Roosevelt, a revolução de *Genebra*. Veem nesta eclosão uma antipática demonstração contra a lei húmida.

Largo da Aguardente, 15—Vossos camaradas portugueses, saídam repre-

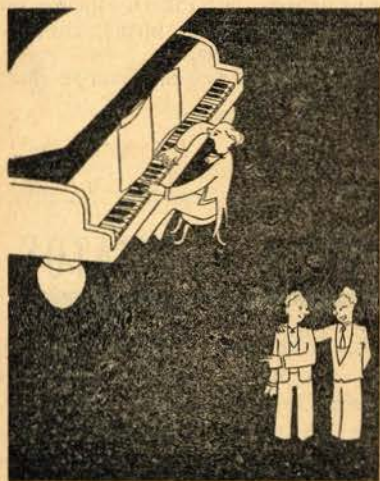
A' saída do cabaret



Ele—*Mas tu juraste que me amarias eternamente...*

Ela—*Pois, sim, mas não contava que perdesse tudo na roleta.*

A quatro mãos



—*Este pianista tem tanto talento que, sòzinho, toca a quatro mãos...*

—*Ouvi na verdade dizer que não passava de um quadrúpede.*

sentantes de *Genebra*. Viva a greve de beijos caídos.

Rede, 16—Estou em ligação convosco. Saúdaí Roosevelt, dai os pêsames a Hoover! E a vós, *genebrianos* da minha alma, saúdo-vos como legítimo representante da *Região Duriense*. —*Amâncio de Queiroz.*

Por Espanha

Segóvia, 12—Ontem, pelas 0 horas menos tal, rebentou, na *Calle de las Hermozas*, *Viva tu padre y tu madre*, uma grande bomba, cujos estragos são incalculáveis.

Há muitos vidros partidos, fatos rotos, alguns relógios parados e a rua ficou com as pedras todas levantadas, o que fez com que a população em pêso fôsse protestar junto do alcaide.

Também parece que há uns trinta ou quarenta mortos. A-pesar-disso, a indignação do povo continua no auge. Segundo as declarações dos peritos,

a bomba rebentou porque tinha dentro dinamite, melanite, ecrasite e himalaíte. Se contivesse rebuçados de frutas, ou qualquer outra substância tóxica, nada disso teria acontecido.

Os criminosos, para dissimularem melhor a bomba, deram-lhe a forma duma bicicleta de 3 rodas.

Pede-se justiça. — *Dr. K.*

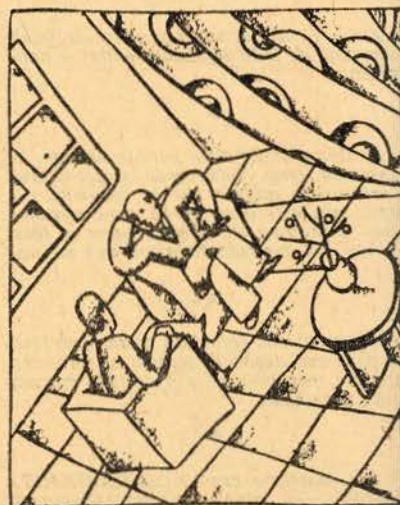
Desastre

Galeria de Paris, 11—Horripilante tragédia se passou, a semana passada, na Galeria de Paris. Fordimável quadro que põe os cabelos em pé ao mais pacato burguês. Hora de dor e luto e de martírio.

Foi o caso que o *Joli* do Sr. Arlindo de Sousa, o filhinho dilecto dêste nosso amigo, caiu dum terceiro andar à rua, e esmurrou os estimáveis focinhos. Consta na artéria que foram amores mal correspondidos, por uma gatinha desempoeirada.

Estimamos as melhoras, e aconselhamos cuidado com a navalha.

Os narradores



—*Na minha viagem à Africa vi coisas maravilhosas...*

—*Viu, por certo muitos pretos...*

—*(Distraído) Nem porisso.*



Damos hoje a continuação do mote

*Se o nudismo pega em moda
Voltamos ao pai Adão*

e a classificação geral do nosso primeiro concurso.

Dos restantes motes referentes à fábrica de cotins Campo do Cirne, daremos resenha no próximo número.

Concorrentes votados duas vezes ao **Quadro negro**:

Adriano X. Nel.

Concorrentes votados uma vez ao **Quadro negro**:

Amaral, Elmano Otrebla, Ardotos e Cagancho.

Concorrentes já com direito ao segundo prémio (4 votos de louvor):

Olegna, Lizé, Sepol.

Concorrentes já com direito ao terceiro prémio (3 votos louvor):

Zé da Sé, Tito, Amaral.

Concorrentes com dois votos de louvor:

Luigi Morelli, Ardotos, João da Sé, Horrivel, Saramago, Tónio, Adriano X. Nel, Zé Barão.

Concorrentes com um voto de louvor:

Alfredo Cunha, Asódias, O., Orno, Octávia Maria, J. A. Costa, Amarantino, Delfim Freitas, Tripetro, Dr. Crasto, Henrique Cardoso, Chichibéu.

GLOSAS:

Se na alta e baixa roda
Não se trava a impudência;
Se continua a indecência;
Se o nudismo pega em moda
Entre a humanidade toda;
Se não houver um bordão
Que ponha tudo no são;
Se não vier, de improviso,
Uma onda de juízo,
Voltamos ao pai Adão!

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.

E' uso na alta roda,
Andar na rua em cabelo.
Mas inda hão-de andar em pêlo
Se o nudismo pega em moda.
Se assim for a gente toda,
Já não fará mais questão,
Em encobrir com a mão
Aquilo que Deus lhe deu.
Vai andar tudo no lêu,
Voltamos ao pai Adão.

Lizé.

Nos tempos que vão, à borda
Do nudismo estamos já
E, ainda verei o papá,
Se o nudismo pega em moda,
Sem cuecas, a ir à roda,
Da cozinha pr'ó salão,
Com os tarcos na mão,
Pois não se usando carleira
Já se não paga à parteira...
Voltamos ao pai Adão.

Chichibéu.

Anda co'a cabeça à roda
Minha prima Micaela
Com tanto horror à farpela,
Se o nudismo pega em moda,
Se anda nua a gente toda
Como é uso do pagão,
Não ficará nenhum são;
Ficamos filhos do cacó,
Voltamos ao pai meacó,
Voltamos ao pai Adão.

Tónio.

Já se vê na alta roda
Coisas para entontecer
Temos muito que ver
Se o nudismo pega em moda
Qualquer papo se incomoda
Por as ver na ocasião
De despir o seu roupão
Deixando o corpo sem trevas
Vamos tornar a ver Evns
Voltamos ao pai Adão.

(Pórtó).

Asódias.

O' senhoras da alta roda
Digam lá, façam favor,
Se pode haver pundonor,
Se o nudismo pega em moda.
— Não percebo desta podal...
Cá na minha opinião,
Quer vocês queiram, quer não,
Entendo sem mais conversas:
O mundo anda às avessas,
Voltamos ao pai Adão.

(Gaia).

Alvarcarso.

CARTAZ DE HOJE

Sã da Bandeira: Companhia Estêvão Amarante. Primeira representação da revista em 2 actos *Mexilão*.

Rivoli: Revista-fantasia em 3 actos, *Revista do Coliseu*.

Águia d'Ouro: O grande fono-filme *Um homem de negócios*.

Olimpia: A super-produção com Brigitte Helm, *Glória*.

Trindade: O êxito da temporada *Sob uma falsa bandeira*.

Batalha: O filme de grande classe *Traição*.

Põe-se-me a cabeça à roda;
E a pensar às vezes fico
Que é obra do mafarrico
Se o nudismo pega em moda...
Esta gente bebe toda
De garrafão ou garrafão!...
Pois que em tal civilização,
Retrocasso apenas vejo!...
Neste andar de caranguejo
Voltamos ao pai Adão!?!...

Orquidea.

Começou na alta roda
Esta moda do inferno
Eu estou para ver no inverno
Se o nudismo pega em moda
A mim já ninguém me engoda
Neste caso em questão
Pois que nem mesmo no verão
Isto é admissível.
Até parece impossível!
Voltamos ao pai Adão.

Monteiro II.

Já trago a cabeça à roda
Não sei que hei-de fazer
Bem tenho que m'esconder
Se o nudismo pega em moda
A pouca gente incomoda
Eu conheço um figurão
Que vai gostar com razão
E' da Ruza e não replica
Teso é... mais tesó fica
Voltamos ao pai Adão.

Horrivel.

Bom comércio para a soda,
Cloreto e potassa,
Para as damas ir pr'a Praça
Se o nudismo pega em moda
Pr'os vassoureiros a roda
Começa a correr então
Muitos corpos tem negrão
Que só do tóco de esfrega
Se a moda do nu, pega,
Voltamos ao pai Adão.

Pam-Pam.

Já vemos, na alta roda
As senhoras aparecer
Quási nus — só pr'a ver
Se o nudismo pega em moda...
Perderam a «lata» toda,
E, no próximo verão,
Em gordas letras dirão
As revistas femininas:
«Dispam-se, minhas meninas;
Voltamos ao pai Adão.»

(S. Pedro do Sul).

Morei Ravinhas.

Posta restante

J. B., etc., etc. — São, ou devem ser iniciais duma carta de Lisboa, que não sabemos a quem pertence. Quem é, teve um prémio de um livro, que quer trocar por assinatura da *Civilização* ou nossa. Pedíamos favor dizer nome e direcção, para satisfazermos.

Perjuro — Desculpe. A culpa foi quasi sua. A sua 1.^a carta não é lá muito explicita. Nós respeitamos-lhe o nome, agora o pseudónimo não o julgamos necessário. Queira mandar o mote que será publicado junto com as condições do concurso.

Guerra Anjos — Pode mandar quantas quiser. Publicamos uma de cada vez, mas admitimo-las todas.

Velha Guarda — É um bocado de fora. Se lhe podermos deitar um bocadinho de flor de laranja, lá irá porque tem graça. Mande mais.

Amarantino — Todos os dias úteis desde as 10 horas às 19 — Disponível.

CONCURSO DA NOTA DO BANCO

SEGUNDA SEMANA

Ora aí tem os nossos futuros concorrentes, a fotografia das Notas do Banco que entram no concurso.

Tôdas estas notas tem um número de série composto de cinco algarismos, e tôdas elas estão fechadas e lacradas num envelope exposto desde hoje nas montras da Agência de Publicações do sr. Manuel da Silva Braga, à Praça da Liberdade.

Esse número na nota de 100\$00 é composto dos seguintes algarismos	4-0-7-5-1
Na nota de 50\$00, é composto dos seguintes	0-3-8-2-3
Na de vinte	5-4-3-2-1
Na de dez.	4-4-4-2-7
Na de cinco	5-2-6-1-0



Todo o trabalho do concorrente, será, portanto, o de declarar no cupão inserto aqui, qual a disposição dêsse algarismos que corresponderá ao verdadeiro número de cada nota.

Depois, recortar êsse cupão, enviá-lo à nossa redacção até à 4.ª feira seguinte.

O nosso número seguinte, como nos restantes concursos, dará a relação dos premiados.

O **CONCURSO DA NOTA DO BANCO**, tem três qualidades:

E' honesto, porque é da MARIA RITA

E' proveitoso, porque dá dinheiro em notas

E' de novo modelo, porque cada concorrente com um cupão apenas, concorre a todos os 5 prémios.

Cupão

2.ª SEMANA

Palpita-me que:

O n.º da nota de 100\$00 será
" " " " 50\$00 "
" " " " 20\$00 "
" " " " 10\$00 "
" " " " 5\$00 "

Nome ou pseudónimo

Morada

N. B. — O número de cada nota será formado com os algarismos que damos acima para cada nota correspondente da mesma importância.

Relação dos premiados na primeira semana

Acertaram na nota de 100	5 concorrentes
" " " " 50	15 "
" " " " 20	31 "
" " " " 10	15 "
" " " " 5	4 "

No próximo número daremos os nomes e a forma de sorteio.

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



MANA RITA

HUMORISTICO

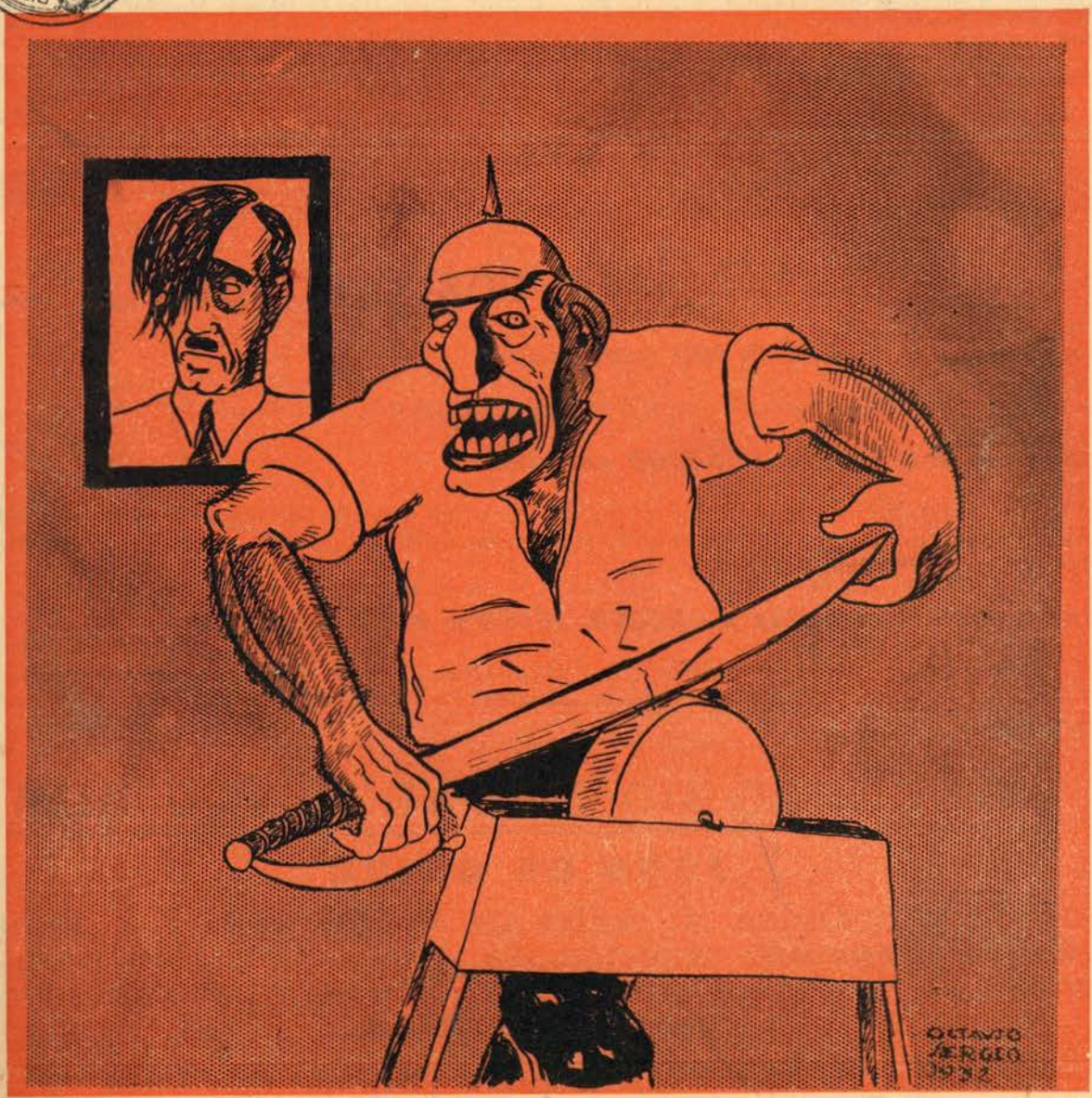
Revista Literária de
**ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA**

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTÁVIO SÉRGIO

OCTAVIO
S.A. 4, 118



As cotações Hitlerianas



OCTAVIO
SÉRGIO
1932

Enquanto sobem as cotações de Hitler, o imperialismo alemão afia a espada

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

Concurso da Nota do Banco

Resultados da 1.ª semana

Acertaram na nota de 100\$00

Alexandre da Silva Braga; Manuel da Costa Leite; Re Bolado; Joaquim da Fonseca Costa e Ca Costa.

Acertaram na nota de 50\$00

Eurico Malafaia; Domingos Ferreira da Silva; D. Afonso Henriques; António João; António Ferreira; Inácio da Fonseca; Rei sem trono; Cipriano Aranha; Antoninho; Joaquim Pinto; Alvaro Meneses; Faz-Tudo e Nom Faz-Nada; Emílio de Oliveira; F. Leal Júnior e Manuel Júlio.

Acertaram na nota de 20\$00

António Ferreira Godinho; Abel da Cunha; António Alvaro; Marca Bomba; Manuel de Figueiredo; Um que prefere o «Pirolito»; Sempre Pronto; Agácó; Messias Jacto; J. Gamalhães; Mário Delgado; José d'Oliveira Marques; Fernando Freitas; Pirolito; José Teixeira de Carvalho; Alberto Braga; Alberto Pinto; Carmen Cohen; António Vicente da Rocha; Joaquim Giraldes; Anastácio Rodrigues; Fernando Avila; C. Vieira de Faria; António S. Neves; Mário Silva; Vensodias; Zé Manel; Eduardo P.; António Pereira; Albano Afonso Silva e Zé das Iscas.

Acertaram na nota de 10\$00

Alfredo Assunção; Manuel d'Oliveira; Sxies 3.º; A. Lopes; Cláudio A. Moreira; Rei sem trono; M.^{me} Bovary; Dolrano; Luís Lopes Martins Teixeira; João A. Sá Lima; Fantomas; Emílio de Oliveira; F. Leal Júnior; António Vicente da Rocha e Albano Afonso Silva.

Acertaram na nota de 5\$00

Henrique Cardoso; Manuel Martins T.; Afonso de Araújo Regalo; Emílio de Oliveira e José Teixeira de Carvalho.

Distribuição dos prémios:

Concorrentes à nota de 100 escudos:

Como são só 5, entregaremos desde hoje 20\$00 esc. a cada um.

Concorrentes à nota de 50\$00 escudos:

São em número de 15. Cabe, portanto, uma quantia de 3\$50 a cada um. Mas a MARIA RITA no desejo de agradar sempre, põe à disposição daquele que o preferir, um livro dos que tem vindo a distribuir.

Concorrentes às notas de 20\$00, 10\$00 e 5\$00 escudos:

Entre estes tornar-se-ia irrisória a subdivisão. Em face disto, entregar-se-á a cada um dos premiados, 2 exemplares da MARIA RITA, à escolha. E não será mau aproveitá-los para o próximo

CONCURSO DO NATAL E ANO BOM

JOGO DO QUINO

Que dará prémios no valor de **2:000 esc.** em dinheiro e **2:000 esc.** em objectos de valor, oferecidos para tal fim pelas melhores casas do Pôrto, simpatisantes com a **MARIA RITA**

E a MARIA RITA a quem promete não falta



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Os senhores devem ter visto nos jornais: em Paris, um cavalheiro casado há meia dúzia de anos intentou processo de divórcio contra a espôsa. Adulterio? Prodigalidade? Incompatibilidade de génios?

Nada de isso. A justificação apresentada pelo advogado do autor consistiu apenas nisto. *Monsieur* casara com uma mulher cujos encantos físicos o tinham seduzido por ser rechonchudinha, bem fornida de carnes e ocultando os ossos sob uma camada não demasiado espessa de tecido adiposo. Mas *Madame*, a reboque da moda que pusera em uso a magreza feminina, tinha desatado a tomar quantas drogas se lhe ofereciam para emmagrecer, chegando ao desfêo de comer apenas vegetais sem hidrocarbonados e beber vinagre como um frasco de pikles. Resultado, ao fim de pouco mais de um ano: as clavículas a furarem-lhe a pele, as tíbias mais cortantes que uma faca de Guimarães, a gordura inteiramente consumida, e o marido mais consumido ainda, porque sempre detestara o bacalhau da peça e abominava singularmente os dias de jejum.

Em face de isto, *Monsieur* entendeu requerer o desquite. Desposara uma mulher que realizava, em pêso e volume, o seu ideal. A mulher resolvera, por seu livre alvedrio, e contra a vontade do cônjuge, imponderabilizar-se e reduzir o seu corpo à expressão mais simples. Quer dizer: ludibriara-o. Se ainda, ao menos, se tratasse de uma doença que Deus lhe desse! Mas não. Emmagrecera voluntária e propositadamente, defraudando de caso pensado o espôso e sem fazer caso dos seus protestos. E êle, que até então enlaçara nos braços uma tentadora bolazinha de carne, tinha agora a impressão, nos seus transportes, de estar apertando um guarda-chuva fechado, cuja sêda se rompera. Não podia mais. Terminantemente declarava que se ia embora, abandonando para sempre a té-

nia em que a espôsa se tornara, porque, decididamente, as mulheres de uma só dimensão não eram a sua especialidade.

O Tribunal pesou os prós e os contras da questão, e sentenciou, por unanimidade, o divórcio, dando ao autor do processo a faculdade de voltar a casar-se com mulher de curvas mais boleadas, e relegando a ré à posse de qualquer colecionador de múmias.

Fêz êle muito bem.

*

Não vão as minhas leitoras imaginar que eu seja como os turcos, para quem a balança é o indicador infalível da beleza feminina. Mas ninguém me convence de que possa haver mulher magra formosa. Bem conheço que foi moda, durante alguns anos, a mulher efébrica, chata como uma tábua e lisa como um carril de via férrea, sem curvaturas nem saliências. Detestável moda essa, porém, que roubava à mulher todos os atributos das suas duas principais funções: ser esposa e mãe. Porque nunca essas mulheres tira-linhas poderiam atrair os indivíduos do outro sexo, nem os seus flancos e os seus seios garantiam o desabrochar e o desenvolvimento de outros seres que perpetuassem a espécie.

Eu sei... Havia as *fausses-maigres*... Paus de virar tripas na rua, empadinhas apetitosas em casa. Como elas arranjavam isso, como conseguiam transformar-se de tão sábia maneira, é que eu nunca percebi. Mas faziam-no. Exactamente ao invés da cantiga popular:

*A mulher do meu vizinho
é uma santa mulher.
Dá os ossos ao marido,
a carne a quem ela quer...*

As *fausses-maigres* procediam de maneira inversa: ossos para o público,

e carne para o marido. Antes assim. Menos dramas passionais, e menos divórcios.

*

Não era de êste modo que procedia a parisiense que os tribunais do Sena acabam de condenar. Essa quis ser ossos para tôda a gente, desconhecendo o adágio: *gordura é formosura*. O marido fartou-se de ter junto de si um esqueleto ambulante, — e passou-lhe o pé.

Nunca as mãos lhe doam.

Mas há gôstos para tudo, mesmo para o amarelo, mesmo para as mulheres que possam entrar num quarto pelo buraco da fechadura. E a prova é que mal os juizes decretaram o divórcio de *Madame*, logo lhe apareceu um pretendente. Chama-se Levrier o candidato, que pelo nome não perca, visto que *levrier* se traduz em português por *lebreu*, ou seja um cão de caça. E quando os dois casarem, e tirarem juntos o retrato da praxe, pode o primeiro marido vingar-se escrevendo por baixo: *«Um cão agarrado a um osso»*.

Marcial JORDÃO.

O recurso...

Amada e volumosa MARIA RITA,
Com alma vou tentar
Vencer os meus rivais, e a tua bonita
Pessoa conquistar.
Glosando os motes teus, eu tenho o fito
De cativar teu ser
E por um ano tê-lo assim gratuito,
Para apalpar... e ler.
Mas mil dificuldades antevejo,
Pois os rivais são duros,
E p'ra saciar enfim o meu desejo,
Eu vejo-me em apuros!
E se por fim esquiva e mui magana
A sorte me negares,
Vou dando as duas e'roas por semana
P'ra tu me consolares!...

Elmano OTREBLA.

Balancete da semana

"A VIELA DOS GATOS"

Frei Satan anda muito atarefado, pois no "Carlos Alberto" dentro em breve, vai à cena uma peça airosa e leve que êle e o Arnaldo escreveram, braço dado, e há os ensaios, os últimos retoques, aturar os maestros e as actrizes, emendar com mão sábia alguns deslizes, escutar dos actores os remoques, — os habituais berliques e berloques que tornam os autores infelizes. Por isso não preenche esta secção, e vem substituí-lo, de bom grado mas sem procuração, um poeta muito menos estimado e muitíssimo mais sensaborão. Mas quem dá o que tem, valioso ou não, não é mais obrigado.

*
* *

Lavra grande ansiedade entre os tripeiros por ver a produção dos dois autores, permanentes parceiros e nossos directores: uma opereta muito portuguesa, cheia de graça e cheia de beleza, sem grandes aparatos, mas revelando a funda competência dos dois velhos e illustres literatos. Tal é, na sua essência, "A Viela dos Gatos". Disse-me alguém que a leu, e a encontrou bela pelo enrêdo e a alegria que a matiza, que a peça não tem nada de viela, nem de *gatos* precisa; que há de ser aplaudida — casa cheia — nas frisas, galerias e plateia; e que o Arnaldo, pôsto assim à prova, há de perder o mêdo que o salteia sempre que leva à cena peça nova.

*
* *

Marquem os seus lugares, meus senhores, que amanhã será tarde! E levem flores, mãos nuas e entusiasmo a flux nas almas! Porque estes dois autores consagrados merecem ser erguidos e aclamados entre o explodir frenético das palmas!

TURIDDU.

Aos coleccionadores da MARIA RITA

Estão sendo confeccionadas as capas referentes ao nosso primeiro semestre. Pedimos a todos os coleccionadores que as desejem obter o favor de as reclamarem.

O seu preço depende da quantidade de pedidos.

Concurso Perjuro

Começará no próximo número.

Consta de um mote apenas que os nossos glosadores terão de trabalhar convenientemente para fazer jus aos dois belíssimos prémios que êste nosso amigo ofereceu.

Os Santos e os Polícias

Os nossos bem-aventurados leitores leram nos jornais uma notícia referente aos gatunos e ao S. Torcato? Não leram? Pois a coisa foi assim, pouco mais ou menos: Roubaram a um lavrador o relógio, a cadeia e diversos cobres, tudo no valor de quinhentos paus. Para reaver os objectos e a massa, o homenzinho prometeu ao S. Torcato aquela quantia no caso do santo descobrir o ladrão. O santo rival do Vidal e do Meira, tira-se dos seus cuidados, disfarça-se, põe o boné para a testa e lança-se a indagar e a pesquisar, conseguindo em breves dias filar o audacioso gatuno! O lavrador, para cumprir a sua palavra, agradeceu ao santo e entregou-lhe os quinhentos escudos que tinha prometido.

Uma pessoa fica de bôca aberta e com os olhos esgazeados ao ver a cara com que ficaram depois dêste sensacional caso, os polícias da investigação criminal. Nós lembrávamos, em virtude do sucedido, que o Santo fôsse colocado como cabo naquela polícia e o Custódio das Dôres passasse a exercer o cargo de S. Torcato, para o qual lhe não deve faltar energia e competência.

Desfalques e Minas

Desfalques e mais desfalques! Dez contos, cem contos, mil contos!... Ena, o que aí vai de dinheiro! Para engrossar a lista descobriu-se últimamente mais outro desfalque, pequenino, insignificante, quási sem categoria: dezasete contos apenas. E sabem onde foi praticado o minúsculo e enfezado desfalque? Nas minas da Panasqueira! Nem a Panasqueira está segura.

Um desfalque na Panasqueira, hein? Ainda se fôsse um arrombamento, vá com seiscientos diabos!... Que, aqui para nós que ninguém nos ouve, nós não sabemos ao certo o que as minas da Panasqueira produzem.

... Pois sim, mas foi na América!

Vamos contar aos nossos leitores um curto episódio, passado em Vigo, no dia seguinte ao das eleições presidenciais na América, ganhas pelos democráticos.

Encontrava-se no banho o nosso cor-religionário e amigo Dr. Bernardino Machado, quando o seu criado particular lhe enfiou por baixo da porta um telegrama, exclamando com alegria:

— Leia, sr. doutor. Ganhamos! Ganhamos!

Sua excelência salta da banheira, agarra o telegrama, lê-o num abrir e fechar de olhos. Depois, num gesto de desânimo e dando um murro na saboneteira, exclama:

— Ora bolas! foi na América.

De como um articulista distintíssimo se refere a duas senhoras da nossa maior consideração

Da Luz do Operário:

Da Madalena

Desconhecia por completo a existência de um jornal intitulado «Maria Rita», quando ontem foi informado pela aquisição que fiz de um exemplar, de que essa imprensa se referia a minha pessoa, criticando humoristicamente os meus originais, que versam unicamente sobre a expansão desta terra.

Desprende-se pela leitura do referido jornal, que este gira vertiginosamente cumprindo os seus princípios fascinados pela crítica desordenada.

Saturando os erros alheios que lhe garantem a existência e alienando boas intenções, de pauperam e arruinam os escrúpulos de qualquer pessoa, alienando-lhe a consciencia.

Ousam combanir os alicerces em que se apoia o engenho de Gutemberg, tentando obscurecer a Luz que rasga as trevas em que vivem emersos, e semelhantes ás borboletas da noite zombam em volta desta, e confundidos pelos remorsos precipitam-se sobre essa luz, pagando bem caro esta dívida injustificada.

E' só por agora...

Com orgulho anunciamos, que brevemente pisará o palco do teatro S. João onde tenciona realizar um concerto de piano a joven Maria Amelia, filha de um respeitabilíssimo casal madalenense.

Pessoa esta fadada pela natureza que lhe confia um tesouro de virtudes e bondade, consagra a sua existencia a arte de Beíween, com um gosto esmerado e uma eloquencia sadia.

Suscéptivel a todas formas civilizadoras é a aurora que desponta influentemente no meio da nossa sociedade elegante, confeccionando a sua beleza fisica com os seus raros meritos numa cordealidade que merece a nossa admiração.

Raul F. Santos.

Ou a estupidez mais deslavada ao serviço duma pena de pato

Pela parte que toca à MARIA RITA, está o sr. Raúl F. Santos perdoado. Temos levado tanto coice!...

Agora no que se refere à Ex.^{ma} D. Maria Amélia sem mais nada, protestamos. Esta coisa de se tocar piano com um *gosto esmerado* e uma eloquência sadia, só ao diabo lembra.

E com relação ao último período, que é uma miscelânea de palavrões sem nexos nem gramática, aconselhamos ao articulista uma belíssima ginástica: deixe lá a beleza física que vê com cordealidade, e não levante tantas vezes a voz até ao céu. Ninguém o ouvirá.

São cousas...

Alberto Pimenta, o inspirado compositor musical e o popularíssimo autor da «Marcha Joffre», «Santo Antoninho do Bonfim» e muitas outras produções que alcançaram grande voga, acaba de publicar um *one-step*, para piano e canto, ao qual deu o sugestivo e oportuno título de *yó-yó*.

O novo *one-step*, brilhante de inspiração e harmonia, alcançou um grande sucesso e tem-se vendido que nem galinha.

Ao Alberto Pimenta um abraço pelos *yós-yós* que nos meteu nas mãos.

PERFIS DO PORTO

XXVII

LOBO NO POVOADO



Um Lobo que desce todos os dias ao povoado da Brasileira, sem causar estragos nem carnificinas. Tem um defeito: embirra com os caricaturistas.

Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

IV

ALEXANDRE HERCULANO



O Damião de Góis do século XIX, que os fados fizeram substituir no século XX pelo Ex.^{mo} Sr. Damião Peres.

Posta restante

Zé Cartaz (Angola)—Obrigado, pela glosa e pelo jornal. Lá chegaremos. Propague a MARIA RITA por favor. Dentro em breve começaremos com glosas dedicadas às colónias e com o prazo de 3 meses para concorrer.

Choramigas 2.º—Está tudo muito certo; mas o que não vale é o senhor apropriar-se dum pseudónimo que pertence a um escritor ilustre, ex-laborador deste jornal. Por isso adoptamos: Choradinho. Está bem assim?

Ernesto Oliveira—Obrigado pelas boas palavras e pelas anedotas. Serão publicadas a seu tempo. A MARIA RITA, felizmente, tem com ela a boa estrela. Coisa que pense, é bem recebida sempre. Não nos desampare que nós não o abandonaremos.

Amaral do O'—A culpa foi só sua: Já aqui dissemos que Amaral há só um. Agora o que não podemos evitar é que o tipógrafo tome

a perna do seu A com milhares de rabioscazinhas, como um O. Neste caso a vogal é consoante...

O quem é? não foi, porque era o terceiro sôbre o mesmo.

Amaral outra vez—Boas as suas excavações. Se não fôr antes, aproveitá-la-emos para o Carnaval. Obrigadíssimo.

Rau e Alex—Tem graça, sim senhor! Qualquer dia aparecerá uma secção deste género. Ai terão cabidela.

Rei dos Nabos—Zé d'Artimãha, ficou absolutamente cujo. Obrigado. Dentro em pouco, princípios de 1932, cá estará o «Ar da minha graça». Ele ainda lê pela cartilha de que quem aparece muitas vezes se torna aborrecido. Proclame a nossa MARIA RITA, como a mais saúdável de todas as mulheres.

Rei Pêra—E' o que se chama uma pêra de inverno. Veio fora do tempo.

Confusão de Narizes—Por cá também vai disso. Calcule o que será rever além do jornal todo mais de um milhão de glosas. Desculpem se não fazemos as emendas tôdas.

Lágrimas

Choro. Portanto, correm lágrimas. Isto é melancólico? E simbólico. Correm lágrimas... que não são de riso, nem de foguetes.

Lágrimas, meus amigos!

Lágrimas!

Quem as causa? A Dor? Não: uma grande estupidez.

Choro para me desentupir.

E, a-pesar-de chorar, continuo entupido. Porquê? Porque me não desentupo. O' céus! ó filosofia! ó tragédia!

*

A causa, minha alma? As *gralhas*, velhas inimigas deste pavão elegiaco. Vejam como estou escrevendo bem.

No meu último e imortal artigo escrevi *filha e meia* e puseram *ficha e meia*; escrevi *qual penedo* e puseram *qual pondo*; escrevi *vespera* e puseram *verpera*; escrevi *arranjaste* e puseram *arrantaste*; escrevi *mistérios de Lesbos* e puseram *ministros*, etc.; escrevi *pia Natércia* e puseram *fria Natércia*...

Vê-de se há dor igual à minha...

*

Mas a MARIA RITA minorou bastante a minha amargura (chupem mais este vocábulo!).

Foi, ao telegrafar-me:

—De mãos postas e de nádegas em arco, te exoro e suplico que não nos deixes por causa das *gralhas* infames. Eu morreria de dor... de pedra.

Respondi, um tanto ufano:

—Sensibilizadíssimo com a tua amorosa homenagem ao meu génio. Não, gorda MARIA RITA, nunca te abandonarei... ainda que me corras a pau de vassoura! Sabes o que é uma carassa? Pois tal eu sou em corpo e espírito, de frente pendida e beijo trémulo. Deus te pague a solidariedade e a fecundidade... na troça e na alegria.

*

Sim, mais calmo.

Contudo, ainda correm lágrimas. E' como quando chove muito.

As árvores ficam ainda a pingar por muito tempo, mesmo depois de a chuva ter passado.

CHORAMIGAS.

Nota de Arte e Manha—Pois sim, senhor Choramigas, mas na escola sempre se escreve um *o* com um *o* mesmo, e um *n* foi sempre virado para baixo e um *u* para cima. Verá, como quando os tipógrafos se habituarem com a sua caligrafia, searão as lágrimas para sempre. Até lá vá chorando, mas não nos faça chorar, abandonando-nos.



DESCANSO SEMANAL

Sôbre esta secção temos recebido centenas de cartas. Quasi tôdas concordam com a nossa orientação de ensinamentos alegres. Muitas delas trazem-nos recortes preciosíssimos que agradecemos; não é possível ler todos os jornais, por mais hebdomadários que pareçam, de cabo a rabo, no curtíssimo espaço de oito dias. Outras, talvez em maior número ultimamente, perguntam-nos se abandonamos a nossa famosíssima descoberta: O *Ecos de Cacia*.

Não senhor! Mas é que, de tal forma foi retumbante o sucesso arqueológico, que, agora, quasi todos os jornais humorísticos da nossa terra, querem seguir as pisadas da MARIA RITA.

Eis a razão porque tínhamos abandonado um pouco o *Ecos*, dedicando-nos a outros especimens da mesma raça que se acotovelam Portugal em fora; mas os nossos leitores mandam. E por isso damos hoje novamente uma

“Caciada”

limitando-nos apenas às notícias dos seus correspondentes.

Da Taboeira

Dia de Finados

Durante o dia 1 do corrente mez — dia de luto — o movimento no cemitério d'esta freguesia, foi enorme, onde se via elevado numero de havitantes nas ornamentações das campas de todos os seus antepassados, para onde levavam enormes ramos de flores, cujos eram lançados nas sepulturas de todos os seus, notando-se que entre todos os visitantes, se deram diversos accidentes.

De tôda esta mastigada percebe-se apenas que os *havitantes* estavam deprendurados nas ornamentações das campas dos seus antepassados. E que por causa dos ramos de flores, *cujos eram lançados* nas sepulturas, se deram diversos accidentes. Além disso fomos informados de que a causa dos accidentes teve filiação no facto dos epitáfios terem sido escritos pelos redactores do *Ecos de Cacia*, e por isso ninguém percebia nada. E os combates começaram ao grito de

*Este morto é meu
Não o dou a mais ninguém.*

Agora é o de

Angeja

Casamento

Realizou-se como aqui já o dissemos na Igreja de Esgueira no dia 18 do p. p. o enlace matrimonial do nosso amigo e

assinante sr. Manuel Soares, com a menina Elena da Cunha Madail; foram padrinhos o sr. Francisco Marques Rodrigues, e Palmira da Cunha Madail.

No fim da cerimônia, ouve um lauto jantar em casa da noiva em Azurva onde foram servidos 20 e tal talheres.

Aos noivos desejamos-lhe um futuro próspero, de que são dignos.

Provado fica que os convidados em vez da sopa, comeram a colher; em vez do assado, foi uma faquita p'rá sossega, e no dia seguinte nenhum dêles podia trabalhar porque tinham engulido um garfo ao natural. Segundo consta, a noiva, que era de muito comer, em vez de uma colher, teve de comer duas. O noivo deu sorte, porque o seu talher era de chifre, salvo seja. E houve menino, que, desconfiando que os talheres eram de prata, andou no dia seguinte à procura dos restos...

Do mesmo correspondente

Dia de fiéis

Angeja, 10 — Como de costume, e o dissemos no ultimo numero do Ecos, realizou-se no dia 1 do corrente a procissão dos fiéis ao cemitério do dia 2.

Antes da procissão, houve na Igreja officios destinados aos fiéis defuntos, deringido-se em seguida ao cemitério aonde ouve um sermão por o orador do costume, e onde estavam as campas lindamente enfeitadas e eluminadac por tôdas as familias doridas, que se achavam presentes em volta das campas dos seus antepassados.

E' claro que ficamos suficientemente elucidados acêrca do nome do famoso prégador, que deve ser useiro e vezeiro nestas cerimónias fúnebres. E só temos pena de não termos assistido a esta nova jornada *Neroniana*, para vermos todos os doridos a arder de volta das campas, iluminando-as com o sebo do seu corpo e enfeitando-as com os seus adôrnos naturais.

Este agora deve ser de

Mataduchos

Nascimento

Com um feliz parto, deu há luz no dia 7 do corrente mês uma robusta criança do sexo feminino, a dedicada esposa do nosso amigo sr. Mariano de Sousa Maia, a sr. Leonor de Sousa Maia, e filha do nosso amigo e assinante sr. João de Souza Maia proprietário em Aveiro.

Para os pais da recém-nascida, e para seu dedicado Avô, aqui lhe endericamos as nossas mais sinceras felicitações pelo bom successo que acabam de ter, desejando um futuro próspero à recém-nascida.

Confessamos francamente que já temos sabido que uma mulher só deu à luz três crianças do mesmo parto.

Mas o que não vimos nunca, foi juntar-se três pessoas para darem à luz uma criança apenas. Lá por ser robusta não se segue que seja necessária a interfe-reência do avô por muito dedicado que seja.

E para fechar, outra notícia do mesmo cavalheiro

Casamento

No dia 1 p. p. realizou-se o enlace matrimonial do sr. José Rêma com a gentil menina Elídia Nogueira Souto.

No fim da cerimônia religiosa efectuou-se um elegante jantar nu corbeille da noiva onde se viam bastantes convidados e objectos de vários valores.

Os quais noc consta que dentro em pouco os devem retirar para a América do Norte.

Com antecedência aqui lhes desejamos uma feliz viagem, e uma vida cheia de felicidades.

O que quer dizer outra embrulhada dos diabos. Com que então, também foram oferecidos convidados a *jentilissima* Elídia? E os valores é que devem partir para a América do Norte dentro em pouco?

Raios nos partam se compreendemos alguma coisa disto. Lá para aquelas paragens de Cacia anda tudo ao contrário. Só são iguais, e pucham muito certinhos, os correspondentes do *Ecos*. Ou são escolhidos a dedo, ou todos filhos da mesma mãe.

Ensinamentos práticos

Mais uma secção, de grande utilidade doméstica, inaugura hoje a MARIA RITA.

Isto é um nunca acabar!

Tôdas as semanas, piadas que nos desopilam o fígado, brindes de encher o olho e até autênticas notas do banco!

E ainda há unhas de fome que se recusam a esportular duas crôas para trocar pela MARIA RITA!

O primeiro *ensinamento* que apresentamos aos nossos leitores é uma receita

Contra os massadores

Pouca gente haverá que não tenha visto aparcer-lhe pela proa (e às vezes até pela popa) um figurão muito massador, que se agarra com unhas e dentes e não nos deixa, nem à quinta facada. E' um raio dum micróbio que, quando pode, nos prega cada chatice, que é mesmo de empinar todos os cabelinhos. Até por isso se passou, há uns tempos para cá, a dar-se-lhe um nome daqueles célebres botões que o caixeiro vendia.

Pois, quando nos aparecer um destes (pela proa ou pela popa), há um magnífico meio de nos livrarmos dêle.

Aplica-se-lhe uma grande injeccão de óleo de ricino, e, enquanto êle se desaperia por se sentir apertado... a gente põe-se a cavar.

BISNAU.

E' sabido que entre os espíritos de elite é uso e vêzo a verrina contundente.

Escritores, artistas, políticos, — homens de pensamento, por invejas e emulações, dilaceram-se as reputações, epigramando-se mutuamente, precisamente porque não possam gramar-se.

Damos hoje aos nossos leitores uma pequena colectânea de verrinas que um dos nossos redactores coligiu.

◆◆◆

Retrato psicológico

O falecido pintor José Maria Soares Lopes, desaparecido no meio de uma carreira que seria incontestavelmente brilhante, era um irreverente de respeito.

Tipo que êle marcasse, era cristão lançado às feras.

Odiava visceralmente um certo professor da Escola de Belas Artes, atribuindo-lhe todos os males advindos de um concurso para o pensionato de Paris.

No seu atelier, pregado na parede, sob a cabeça de um cavalo de pasta, tinha um cartão de visita do referido professor, e chamava a atenção de tôdas as suas visitas para a estranha homenagem em frases agarotadas:

— E' um verdadeiro retrato psicológico, à Columbano!

◆◆◆

Eça de Queiroz e Fialho de Almeida

Entre Eça de Queiroz e Fialho de Almeida cavou-se uma animosidade cheia de ódio.

Um dia, apresentaram Fialho, que havia já publicado livros com certo êxito, ao escritor da *Relíquia*. Eça, segurando o monóculo de ironista.

como Fialho se referisse a um dos seus recentes livros, olhou-o de alto a baixo, dizendo:

— Ah! O Senhor Almeida também escreve?

Talvez por isso, Fialho nunca pôde ver Eça de Queiroz e nem depois da morte lhe perdoou.

Quando da inauguração do monumento ao escritor do *Padre Amaro*, Fialho deu largas ao seu ódio figadal em piropos tremendos.

O monumento, como se sabe, é constituído por um grupo da Verdade que o escultor simbolizou em uma mulher nua, e o busto do romancista.

Fialho, pôs na bôca da velha criada da família Queiroz, esta fala dirigida aos filhos do escritor:

— O papá, vá, ainda se parece... Agora, meninos, a mamãzinha, assim, tôda nua no meio da rua...

◆◆◆

Eça e Silva Gouveia

Sendo Eça cônsul de Portugal em Paris, foi-lhe um dia oferecido, pela colónia, um banquete de homenagem.

O distinto escultor Silva Gouveia, que vivia na capital de França, inscreveu-se; e, tendo encontrado um compatriota, perguntou-lhe se era obrigado o traje de cerimónia.

O outro, de maroto, disse-lhe que não, que era à vontade.

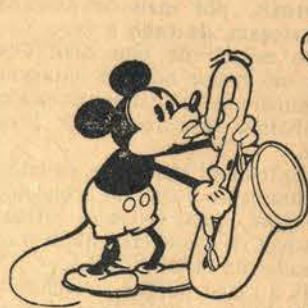
No dia do banquete, Silva Gouveia, pequenino, reboludo, de grandes bigodes estilizados sôbre as vermelhucas bochechas, — de jaquetão, completamente à paisana, destacava-se na multidão de casacas.

Eça, com o seu sorriso tão especial,

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre em aumento

CELEBRIDADES INDIAIS DO RISO

Mickey, o ratinho ídolo das multidões

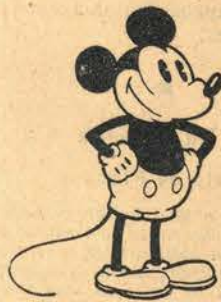


O grande Mickey é um ás para tôda a sorte de instrumentos.

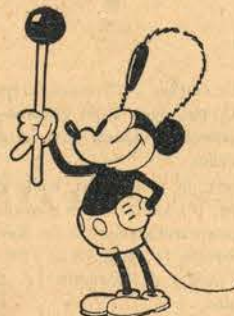


O enorme engenho de Mickey revela-se por estupendas combinações.

As atitudes são heróicas e estéticas no tempo.



Mickey sorri aos aplausos do público.



Tambor-mor do regimento de ataque contra o seu formidável inimigo — o gato.



Mickey e sua noiva formam um par digno de viver um verdadeiro poema de amor.



Sua voz cantada, porém sim, canta a Dulcinea trova de amor.



O piano é sob as suas mãos um escravo que obedece.

Mickey, o grande Mickey, o ratinho engenheiro, que surge no ecran, conhece já os afagos da popularidade mundial.

É uma estrêla tão rutilante como Greta Garbo. Mickey fala a linguagem universal da alegria e milhões de seres de tôdas as raças o compreendem e estimam, agradecendo-lhe o seu humanitário esforço de os afastar da dura realidade da vida.

Mickey é um rei imortal.

Saüdamos em Mickey o ás da alegria e incluímos reverentes perante a sua presença.

assesta o monóculo ao escultor e interroga:

— Quem é esta espécie de gigante que tem todo êle o ar de ter engulido um boi que lhe ficou com os chifres fora da bôca?

◆◆◆

Herculano e Bordalo

Nem só os inferiores dão sorte com a caricatura. Os homens superiores dão também por vezes o flanco...

Rafael Bordalo, o mestre insigne da caricatura, pediu um dia na Havanesa licença ao grande Herculano para caricaturá-lo nas páginas de um dos seus jornais.

Herculano, grave, sempre de bronze, concedeu, absolutamente desinteressado.

Quando Rafael transpunha a porta da tabacaria, Herculano, em um ímpeto, berrou-lhe:

— Olhe, mas seja brando... senão parto-lhe a cara.

◆◆◆

O espírito de Clemenceau

Clemenceau, o tigre, o político de acção de que os leitores teem vária notícia, tinha um espírito contundente, mordaz, que cortava como um bisturi.

Um dia na Câmara dos Deputados falava um de estes *Hauts parleurs* que muito falam sem curarem de acertar.

Passava mais de uma hora que o verborreico pai da Pátria, em voz monocórdica, em verbalismo pires do falabarroto sem ideias, perorava sôbre qualquer futilidade.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta forma, terá graça de graça

Tôda a câmara, desatenta, conversava em grupinhos.

Só Clemenceau, que sofria de retenção de urinas, apoiada a cabeça à mão, olhava, vivamente interessado, o locutor.

Um amigo do grande político, tocando-lhe o ombro, interroga:

— Mas como pode V. Ex.^a suportar esta verborreia?

E Clemenceau, gravemente, riposta:

— Se eu urinasse como êle fala!...

◆◆◆

Bordalo e Aires de Gouveia

Aires de Gouveia, bispo, lente, par do reino, ministro, era, como se sabe, filho de um taberneiro do Pôrto.

Bordalo caricaturou-o de garoto jogando o pião à porta do tasco paterno, com esta legenda: Sua Excelência o Senhor Bispo da Bethesda, brincando à porta do seu solar.

◆◆◆

Emílio de Meneses e Chabi

Contaram-nos no Rio de Janeiro, em uma das inolvidáveis tardes de boémia espiritual que por lá passamos, esta *blague*:

O escritor Emílio de Meneses, um dos mais requintados espíritos de humorista que passaram pelos jornais cariocas, quando passava pelo actor Chabi Pinheiro, dizia-lhe invariavelmente:

— Adeus, ó cara de bunda!

Chabi, é claro, dava sorte, e um dia chegou mesmo a confessar-lho.

Emílio de Meneses, entrando pouco depois em um *bar* onde Chabi se encontrava a tomar um refresco, chupando a clássica palhinha com as bochechas dilatadas, cumprimentou-o com uma pancadinha nas costas, e, não podendo chamar-lhe cara de bunda, disse:

— Com que então a tomar o seu clisterzinho?!

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

N.º 1

Foi um lavrador à cidade, e o pároco da sua freguesia pediu-lhe que fôsse a um santeiro encomendar para a igreja um S. Sebastião de dadas dimensões.

Pergunta-lhe o escultor:

— Como o querem? Vivo ou morto?

— Eu sei lá, respondeu-lhe o lavrador um tanto confuso com a pergunta. Faça-o vocemecê vivo, que se o quiserem morto, lá o matarão!

Remetente: Guerra Anjos.

N.º 2

Emídio Navarro — Prometeu da política do seu tempo — prometeu um emprêgo a um seu correligionário e amigo. A cada nova visita que o correligionário lhe fazia, sempre havia novos e solenes prometimentos, mas... o emprêgo não vinha nunca!...

Até que, um dia, o pretendente — já desesperado — a uma nova e última promessa de Navarro, tem um assômo de ira mal reprimido, deita um furioso olhar ao Ministro, crusa lesto o gabinete e, já da porta, volta-se rápido e faz com os seus vigorosos braços, em forma de 4, um violento e batido gesto de despedida: um formidável adeus de mão fechada!...

Emídio Navarro, então, rápido, decidido, chama-o:

— Psiu! psiu! Venha cá!...

Febrilmente, toma a pena, escreve, enxuga e dobra o papel que — contendo o despacho tão desejado — entrega, sorridente, ao pretendente desesperado; e, depois, solene, faz-lhe a seguinte observação:

— Ora aí tem meu amigo, mas — olhe lá!...

— não diga nunca a ninguém... o forte empenho que me meteu!...

(Pela verdade histórica).

Remetente: Amaral.

N.º 3

Nama audiência de certo tribunal uma senhora que era testemunha, quando o magistrado que presidia, lhe perguntou o estado, respondeu:

— Ignoro.

— Ignora?

— Sim senhor.

— Mas como se explica isso?

— Eu conto a V. Ex.^a. Como tôdas as mulheres comecei por ser solteira, e como muitas, casei. Pouco tempo depois morreu o meu marido. Já se sabe fiquei viúva; e viúva estive três anos. Passado este período tornei a casar, mas como não me desse bem com o meu segundo marido, separamo-nos judicialmente. Entretanto veio a lei do divórcio e foi sentenciado o nosso. Passei de separada a divorciada. O ano passado faleceu o meu segundo marido, que já não o era. Não sou solteira; casada

Eis a anedota que no número passado foi premiada com 50\$00 escudos, os quais, ficam à disposição do seu autor, desde hoje, na nossa redacção.

A senhora para a criada:

— Olhe para isto, Maria: os móveis teem tamanha camada de poeira que eu escrevo sôbre eles o meu nome, e lê-se bem.

A criada:

— Ora veja, minha senhora, como é bom ser-se instruída!...

Remetente: Assinante n.º 723.

também não; separada, menos ainda; divorciada sendo êle falecido, não posso sê-lo; e viúva também não, visto que êle já não era meu marido. O Sr. Juiz podia fazer-me o favor de dizer-me qual é o meu estado?

O Juiz olhando para ela: — Minha senhora, nesta altura o seu estado é... interessante.

Remetente: Bouboule.

N.º 4

«Noivos. Em casa dêle.

Ela (cinéfila, tomando uma posição muitíssimo fotogénica e muitíssimo pornográfica) — Dás-me um beijo?

Ele (o alfaiate fêz dêle um atleta, mas alimenta-se a leite e farinhas; tão cinéfilo como ela) — Não digas isso tão alto que a mamã pode ouvir!

Remetente: Ernesto de Oliveira.

N.º 5

Conta-se que um antigo regedor de S. Faustino do Pêso da Régua, lavrou o seguinte despacho num atestado de pobreza para um habitante dessa freguesia:

«Eu *abaicho* assignado atesto e juro que o atestado supra acima mencionado é *probe*.»

Remetente: Alick.

N.º 6

Vinte-e-dois PÊS — Um pintor, filho de Portugal, estabelecido em uma cidade do Brasil, querendo atrair a atenção do público, pôs na porta da casa em que morava o seguinte letreiro: Vinte-e-dois PÊS.

O governador da cidade, vendo aquele letreiro, tomou nota do número da casa e mandou vir à sua presença o pintor, para explicar o que aquilo queria dizer.

Apareceu, e, sendo perguntado, respondeu: — Chamo-me Pedro Paulo Pereira Pinto Peixoto, Pobre Pintor Português: Pinto Palácios, Portas, Paredes, Pilares, Pianos, Painéis, Pilastras, Paisagens, Pirâmides e Panoramas.

Tornou-lhe o governador: — Estão só dezanove; faltam três.

O homem acrescentou: — Por Pouco Preço.

Deu-se por satisfeito o governador, deu-lhe uma gratificação, e disse-lhe que eram com efeito muitos PP.

O pintor, arrecadando o dinheiro, disse-lhe por fim: — Ainda tenho mais 5 PP e são: Pareço Pobre Porém Possuo Patacos.

Remetente: R. O. L.

N.º 7

— Em que escola andas agora, José?

— Em nenhuma;

— Mas tu, estudas!...

— Mas agora estou em férias.

Remetente: Amarantino.

N.º 8

O meu catraio de 6 anos, pergunta-me de súbito: — O' pai, quem é que governa no mundo? Resposta paterna: — Quem governa no mundo é Deus, meu filho.

Resposta do mais velho, muito empertigado de *sabença*: (14 anos): Quem governa no mundo é a Inglaterra e os Estados-Unidos. Resposta então da mais pequena (4 anos): Não é! E' o polícia! Onde estaria a Sabedoria?... Conforme o mundo, claro...

Remetente: A. M. N. T. T. Z.

N.º 9

O Apolinário, já muito bêbedo, pergunta ao taberneiro, que é cego de um olho:

— O' «Camões» quanto se deve?

Apolinário tira do bolso uma moeda, atira-a para cima do balcão e diz:

— «Stamos pagos e satisfeitos, hein?

— Falta mais um escudo, amigo...

Apolinário arregala os olhos para o taberneiro e pergunta-lhe:

— Então você não disse que eram dois escudos?

— Disse, mas aqui só está um.

— Só um? Ora vá lá roubar a cadeia...

Então eu não vejo dois?... Se calhar tenho culpa de você só ter um olho?

Remetente: Olegna.



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL



Minha querida MARIA RITA:

No fim de contas, como são pequenos os grandes problemas do pensamento humano! Experimenta um dia ir pela rua com o espírito absorvido a cogitar nas Teóricas de Einstein. (Experimenta-o, é claro, numa onde não circulem automóveis). E tu verás. Ao primeiro tropeção, ao primeiro embate com um candeieiro, uma daquelas pragas que foram precursoras do sonoro varrerá do teu eu toda e qualquer noção que se não refira à topada no dedo de estimação ou ao carolo na testa immaculada. Isto a-pesar-de o tropeção, o candeieiro, o teu pé e a tua testa, (não te ofendas...) serem quatro moléculas, quatro zeros à esquerda, no desenrolar dos altíssimos problemas sbitamente póstos de lado.

Compreendes o que eu quero dizer? Tu já deves estar a suar, com tanta filosofia; mas ainda não acabei.

Je veux vendre mon poisson, como dizia Ninon de Lenclos...

Resumindo, pois: —

Em relação aos grandes problemas que oficialmente apaixonam o mundo, cada indivíduo, — seja do sexo feminino, do sexo masculino, ou de outro — não é mais do que uma espécie de espelho em que eles se reflectem um momento; — ficam porém tão alheios ao que verdadeiramente o interessa e o move, como a luz do meu candeieiro, que faz rebrilhar este aparato, é estranha à tinta com que ele te escreve.

Sim. Quando nos dói o estômago, deixa de existir a crise mundial: *existe* apenas, para nós, o nosso estômago. (É um fenómeno psicológico muito diverso do de certos cavalheiros para os quais só existe o estômago, mesmo quando não lhes dói nada...)

Vim para casa num pachorrenho eléctrico, a pensar nisto. E olha que não foram fundas locubrações filosóficas, olha que não foram mesmo quaisquer percalços digestivos, que assim canalizaram o meu pensar. Foi um embrulho. Assim mesmo. Um embrulho.

Verifiquei esta manhã que o dedo mindinho do pé esquerdo, irrequieto como todos os energúmenos da extrema esquerda, perfurara o suave calaboiço de feltro em que eu o metia para curtas caminhadas matutinas. Decidi-me portanto a comprar outros sapatos; — destes que são chamados de *quarto* porque os calçamos para atravessar apressadamente o corredor.

E fui comprá-los. Escolhi uns, lindos, que satisfaziam as minhas exigentes preocupações de elegância. Como todos os sapateiros teem a pecha de me quererem vender os maiores artigos do seu comércio, sem verem que eu tenho um pé pequenissimo, medi-os argumentando, applicando a sola impoluta contra a planta calçada do pé direito, que é geralmente onde me aperta o sapato. Serviam. Perguntei o preço com inexecidível *à vontade*; e puz, em ouvi-lo, um estoicismo que intimamente me ufanou. Depois, metendo a mão ao bolso em pausado gesto napoleónico, decretei: — «pode embrulhar».

Num aplauso firme, o caixa bateu-os um contra o outro; despenderou de traz do balcão um lençol de papel robusto, aconchegando-o contra a minha compra com disvelos de mão a agitar um berço; depois, puchou guita de uma esfera gradeada onde uma bola, de-certo presa também por causa do crime da Rua do 20 de Abril, desatou, sbitamente excitada, a rodopiar de contente. Por fim virou, revirou, atou, deu o nó, e, escondendo na mão uma tesoura a que só lobriguei duas pontinhas sorrateras, — cortou o fio umbilical e estendeu-me a criança, (desatando logo a escrever o assento de baptismo).

E aqui tens a história singelissima do meu embrulho.

Agora as lojas já não dão como brinde aquele pausinho que davam outrora, que parecia

um pedaço de lápis com uma chanfradura ao meio, e que era o trapézio do embrulho. E menos dão aquelas duas azinhas de metal que estilizavam uma gavota; azas que se amoldavam ao indicador e ao médio, dando entre ambos, a uns poucos de embrulhos simultâneos, a solidez de um poiso niquelado.

Eram luxos de antanho.

Agora, o transporte de aquisições é crua-mente manual. E mais. Talvez por uma universal relutância a dar firmemente o nó, escusa a gente de pensar em enfiar o dedo numa daquelas azelhas poderosas, capazes de arroxear o indicador mas incapazes de se desmentirem. Tudo mudou. Tem a gente que brandir o embrulho com cinco dedos enclavinados, na certeza de que, ao primeiro sopro da aragem, o papel se espreguiça, atirando atrás e adiante dois fochinhos cubistas que não mais se domam; e a guita descai, muito languida, muito sensual, a fazer-nos cócegas na mão... Resta-nos, como alternativa, a de armarmos em gatunos sovaqueiros, entalando a compra entre um *biceps* e duas costelas flutuantes, e desistindo de um braço desde o balcão até casa.

Foi o que eu fiz. De *claque* debaixo do braço, Chateaubriand não entrava nos salões iluminados de M.^{me} Récamier, — com mais garbo do que eu, quando entrei no eléctrico com os meus sapatos de quarto contra o coração. Talvez a comparação seja anacrónica; cuído que é uso muito mais recente este de um escritor andar sempre com a *claque* metida no sovaco. Retiro pois a comparação... Mas mantenho o garbo!

E assim vim. Na rua, recusara um abraço cordeal a um camaradinho efusivo, — limitando a um apêto de mão, pouco sacudido, o eco do seu bem querer. Percebi que para sempre o maguara. E também tive que desistir de comprar o jornal, porque ponho sempre a bolsa no bolso esquerdo do sobretudo, e me agaro sempre com a mão direita aos parcos pontos de apoio que se encontram numa plataforma. (Quem anda com embrulhos não apanha nunca um lugar sentado; para prova, veja-se o preto da Casa Africana). Por cima do ombro de uma senhora gorda, li vários cabeçalhos a duas colunas que me fizeram crescer água nos olhos. Vinha toda a gente a ler, interessadissima, ideias e factos manifestamente sensacionais. Com certeza que, na Alemanha, Hindemburgo mandara definitivamente os politicos para um Reich que os partisse; enquanto, na America, Roosevelt prometera aos vinicultores de todo o mundo franquear a alfândega a uma caixa de pirolitos. Nas sobranceiras encrespadas de um patriota que via de perfil, eu lia certo pasmo insondável, que nascia talvez de, entre mil coisas inverosímeis mas verdadeiras, verificar que, naquele dia, em toda a Espanha, ninguém tinha deitado o fogo a nenhum convento. Sim. A' minha volta, eu sentia o arquejar impresso de todo o mundo. E eu, eu que por três tostões me sentira o centro geométrico de todo esse rodopiar, ali ia, em pé, já com o cúbito e o rádio tomados de uma dormência dolorosa, a defender dos solavancos, dos passageiros que saiam «com licença», de tudo e de todos, o centro pessoal das minhas preocupações, o eixo em volta do qual todo eu girava, o meu senhor, o meu escravo, a minha razão de ser, — o meu embrulho!

Aqui tens por que eu descreio do objectivismo.

Aqui tens por que sobreponho, a todos os fogos colectivos, as miúdas e absorventes circunstâncias individuais.

E aqui tens por que motivo resolvi, definitiva e irrevogavelmente, não me ralar mais com as filiações perfuradoras do dedo mindinho do meu pé esquerdo.

Percam-se as chinelas, — mas salve-se a universalidade do espírito!

Dispõe do teu dedicado

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

“A Viela dos Gatos,,

Os nossos directores de maior idade, Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, são duas criaturas insuportáveis. Calculem V. Ex.^a que, além de todos os afazeres quotidianos e quotinoturnos por consequência, ainda teem tempo para andarem por sítios onde muito portuense que se preza nunca pôs o pé.

Referemi-nos como é de prever à *Viela dos Gatos*, ali para os lados da Sé, onde se fala o portuense legítimo, e onde o coração é tão tripeiro e bairstista, que a gente sente a verdade do ditado: fazer das *tripas* coração.

Pois foi ali entre as figuras mais típicas do nosso Pôrto, que eles foram buscar o assunto para a sua peça que o Carlos Alberto estreará por toda a semana que vai entrar.

Será protagonista a nossa Cremilda de Oliveira e o velho Soares Correia animará o decorrer da acção.

E' uma opereta de género popular como o *Garoto da Ribeira* e de-certo lhe estará reservado o mesmo caminho vitorioso e longo.

São portuenses os autores. E' portuense o teatro, e os seus protagonistas são cá do burgo também. Que mais será preciso para que o público portuense compareça à chamada?

Não tivemos tempo de entrevistar os simpáticos autores de tanta risada sadia e tanta cena suave; mas podemos afirmar aos leitores da MARIA RITA que a *Viela dos Gatos* não cheira a portal de escada, nem é passada em Janeiro.

E... poderíamos contar alguma coisa do enredo; mas com certeza os nossos leitores preferirão comê-la ao natural.

ANUNCIOS

da MARIA RITA

CAVALHEIRO, de toda a respeitabilidade, pretende alugar casa em Cadoços. Tem alma de poeta e faz versos a horas mortas e prosa a horas vivas. Gratifica quem der indicações.

VENDE-SE um piano sem cauda, servindo muito bem para o ensino do solfejo e canto coral. Tem as cordas todas, fora as que lhe faltam.

GAITA DE FOLES, que serviu nas festas do S. Martinho, vende-se por baixo preço e em bom estado de conservação.

GRATIFICA-SE bem a pessoa que indique comprador para um par de luvas de box, que pertenceram a um dos maiores astros do pugilismo nacional. Falar com o tenor absoluto, durante uma das suas numerosas sessões de radiotelefonía (com antena e pilhas secas).

COMPRA-SE uma figura decorativa, para ornamentar um *patibulo* da margem esquerda dum lago de jardim de casa rica. Falar das 16 às 18

O ACADEMICO

N.º 5

26 de Novembro de 1932

Preço: \$00

REVISTA SEMANAL

DIRECTOR: Damião de Góis Júnior

O diagnóstico

Verídica história médica de um facto inacreditável

Ainda que vocês, meus filhos, reben-tem a dizer que não acreditam, a história que se segue, muito ao contrário da *História Pátria*, é absolutamente verdadeira.

A um dos quartos particulares do Pavilhão do Hospital Geral de Santo António, havia chegado em estado de doença grave, um ilustre cavalheiro, que, pouco ajuizado, caíra na bacoquice de se deixar evadir o organismo por um mal que nem sequer era de Pott, porque o pobre, desempregado ou capitalista, havia muito tempo já que não fazia nada.

Foi chamado um médico ilustre, Professor da nossa Faculdade de Medicina, percursora dos métodos pedagógicos da *Escola Unica*, porque, em boa verdade, no género, é mesmo *única*.

E como um mal, nesta porca vida, nunca vem só, apareceram, ainda mais dois médicos, e depois 3, — ilustres todos, todos sábios de ciência feita por medida sob os riscos da *Presse Medicale*.

Um dos galenos, porventura o mais esforçado, chegou mesmo a inspirar certos cuidados aos colegas, porque ia morrendo a pensar, por falta de hábito, já se deixa ver...

Chegou-se a concluir que todos se fartaram de pensar, mas há-de ver-se ao diante que todos menos um estavam a pensar que pensavam, pelo hábito que tinham de, pelo próprio penso, pensarem os feridos no banco do Hospital.

Exgotados todos os calões esdrúxulos do *Dicionário das Doenças*, os homens chegaram a esta formidanda conclusão: tinham diante dêle um doente gravíssimo!

Entretanto, o Dr. Velez Madeira, que andara de um lado para o outro a aparafusar certas ideias, abeira-se do leito quási mortuário do ex-próximo futuro cadáver, e disse, com voz pausada e grave:

— Meus caros colegas: Julgo ter

encontrado a chave do enigma. Os outros, estupefactos, olharam para o Dr. Madeira, e, conhecedores do seu feitto *blagueur*, duvidaram, um tanto arreçados.

Podia lá ser!

Se êles, que, não desfazendo (enfim não era lá por se gabarem) nada tinham encontrado, a que vinha agora o Madeira a armar em fino?

Serenamente, o Dr. Velez Madeira, abre um dos variadíssimos olhos do doente e, examinando atentamente, disse:

— Vejam os doutes colegas. Há aqui alguma coisa que nos elucida. Este homem é portador de qualquer doença tropical e deve ter vindo das colónias há muito pouco tempo.

Debruçam-se os galenos.

E um a um, corroboram as sábias palavras do assaz Sagaz Madeira.

Ficou o diagnóstico mais ou menos assente.

Um após outro, saíram os sábios.

Já na rua, o Dr. Velez Madeira, acendendo um cigarro de onça tinha ao canto da bôca um enigmático sorriso de ironia.

E' que, em uma das voltas pelo quarto, êle vira sobre o tapete uma das chinelas do doente, onde a letras de ouro se lia: *Sapataria Ferreira — Loanda*.

Moralidade: o saber ler não ocupa lugar e é muito bonito.

Dr. Termocautério.

Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

V

O Tubarão

(*Tubaron burguezaceo*)

Lyneu

Tubarão, meu caro leitor, não quere dizer, como à primeira vista haja de parecer, que tu sejas realmente barão.

Não, absolutamente não.

Tu, barão, não. Nunca! Podia lá ser!

Um barão não compra a MARIA RITA, salvo se for assinalado...

O peixe paquidémico de que se ocupa hoje o vosso professor é um anfíbio voraz quaternário, mais ou menos totalitário.

Até hoje, os ignorantíssimos sábios que me antecederam, teem espalhado o nefando boato de que o Tubarão só vive na água. Puro engano, já se deixa ver.

Em Portugal, terra onde abundam os tubarões de tôdas as classes e categorias, o Tubarão paquidémico vive em tôda a parte.

Os de maior categoria encontram-se, porém, nos farináceos terrenos da Moagem, e, como se não fôssem animais, ganham bons e chorudos ordenados, chegando mesmo, embora analfabetos na adolescência, a dirigir emprêsas jornalísticas, e, ó céus! — a escrever artigos de 2.º sobre as suas virtudes cívicas.

Em alguns mares, os homens dão caça ao Tubarão e teem conseguido resultados satisfatórios, ainda que com o sacrificio de algumas vidas.

Ainda se não inventou uma maneira capaz de 'os 'caçar em terra, o que é pena porque constituiria um sport agradabilíssimo.

Zoopirotécnico

Professor de Zoologia no Instituto de Socorros a Naufragos.

Meia bola e força...

Garantimos de mão na barriga a autenticidade do que vamos contar.

Há dias o Prof. A. C., da Faculdade de Ciências, depois de ter falado meia hora, disse:

— Isto que eu estou aqui a dizer é muito aborrecido, mas, também, eu não estou cá para outra coisa.

Ora aqui está um professor criterioso e cheio de sinceridade.

O diabo é se os alunos não estão para chatices e resolvem não ir às aulas do homenzinho.

Êle há cada pedagogo!



Quem é?

Este teve bem mais sorte
Do que o outro que morreu
Pregado aos braços da cruz
E nu, conforme nasceu.

Este com ar mui sereno
Só têrmos meigos dizia.
Nunca uma só má palavra
Da sua bôca saía.

O de agora aqui focado
Nada ao outro se parece.
Chama bandalhos, patifes,
A quem muito lhe apetece.

P'ra êle o mundo é uma corja,
A sociedade, cambada.
Homens de barba, garotos,
Políticos canalhada.

Este *homem*, todos o sabem,
Tem um jornal em Aveiro.
Onde os artigos de fundo
São d'escacha pecegueiro.

(Aveiro).

Zé MENES.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*
Dr. Urgel Horta; *Anexim* — «Quem tem rabo
não se senta».

Matadores: Sepol, Monteiros I e II, Oino-
ma, Reiobi, João da Sé, Satiref ed Mifled, Lizé,
Zé Barão, Octávia Maria, Kika, Rofeu, Venâncio
da Praça, Alvacarso, Seugirdor, Cirrado, Abd-
el-Krim.

AQUILO

que não podemos publicar

Ex.^{mo} Sr. Director da Secção:

Quer V. Ex.^a fazer-me um favor? Eu tinha
empenho em ver publicado aqui (já que não
pôde ter cabidela na secção *Para Matutar* —
Quem é?) o seguinte comentário — adivinha,
inspirado na década poética que também a seguir
transcrevemos:

Tem coisas bem curiosas
A vida, com que me espanto!...
No perfume, e no encanto,
O amor, é como as rosas!...

(Etc., etc.... mais seis versos).
(V. n.º 25). A. Cunha (Raza).

Agora eu:

O lirismo em que se abraça,
Traz-lhe a alma sempre presa;
Mede os versos numa Raza
Mas com arte e com nobreza!
Uma linha o caracteriza:
Na lapela sempre a rosa
Cujo aroma êle satiriza
Duma forma graciosa,
Se bem que um tanto abstrusa:
— «No perfume (êle ajuiza)
O amor é como a rosa!»
Perde o Verso e ganha a Prosa
Se o conceito preconiza:
?Quem cheirar Cupido, goza
Dum rosal a doce brisa?!...

A. AMARAL.



**Pensamentos, palavras e obras
do meu amigo Estanislau**

— O amor deve ser resistente e forte
como fazenda de boa qualidade que não
muda de côr e se não rompe. O amor-
casimira, o amor-flanela, o amor-veludo
resiste ao tempo e não se rasga. Um
amor pano-cru rasga-se todo... e o
amor roto é uma desgraça...

— O cinema é o marisco do amor.
Um filme comprido num salão escuro
e confortável vale uma boa ceia em
gabinete reservado.

— As meninas portuguesas, receo-
sas do ridículo, não se apresentam nas
ruas com os seus yó-yós. Mas dentro
de casa e nos salões jogam desenfreada-
mente.

— As cinéfilas cloróticas e olheiren-
tas procuram casar com rapazes género
Ramon Novarro. Depois de casadas
ficam desiludidas, porque os *Ramons*
não podem com o carreto do matrimó-
nio e são muito frágeis *no... varro* do
amor.

— O genial e saúdoso Bordalo Pi-
nheiro, chamou à política a «Grande
Porca». Nunca se soube ao certo o que
as porcas fizeram ao malgrado artista
para serem assim tão maltratadas.

— Dantes tudo se atribuía ao meio:
«fulano é mau devido ao meio...»
«o meio em que vive é que o estraga»,
etc., etc. Agora, segundo se lê nos jor-
nais, o «meio» está rehabilitado, e quem
paga as culpas são os extremos, as
esquerdas e as direitas.

— O capitalismo olha para a Rússia
e diz: Ali é que a porca torce o rabo!...
E vai deitar-se sossegado. Quando des-

pertou, deita as mãos à cabeça... mas
é tarde, Inez é morta.

— A diferença que há entre o bur-
guês e o proletário é a que dista dum
fraque a uma blusa. Há quem aconse-
lhe: para que não exista a diferença,
que todos vistam blusa. Nós achávamos
melhor que todos usassem fraque.

— A fidelidade da mulher é igual à
palavra de honra do homem. Quando a
primeira afirma que é fiel e o segundo
que é honrado, já sabemos que há
divórcio e concordata.

— O amor é uma doença inventada
pelos farmacêuticos e pelos médicos.
Pode levar-nos primeiro ao hospital,
mas é certo que a cura definitiva só se
consegue no cemitério, depois de se ter
passado pelas farmácias e pelos consul-
tórios.

— Consciência! Conheces palavraõ
mais antiquada? E' uma palavra irmã
gémea da Honra e da Vergonha.

— Se soubesses o que os teus ami-
gos dizem de ti, só acompanhavas com
os teus inimigos.

— As casas das meretrizes são os Ce-
mitérios *dos Prazeres*, onde não há
repouso e para onde se vai sem *ajuda*.

Para escrever os meus pensamentos,
palavras e obras, pensei muitos anos,
falei muitos meses e obrei todos os
dias.

LEIDOAR.

Uma glosa

Tia Rita lingüeira,
Disse ao mundo em alta voz
Que dar pontos, mas com nós,
Sabe a Rosa costureira,
Mas já não diz a maneira
Por que assim tal fama gose,
E viva com tanta pose
Da arte que tem sômente...
— E' que ela não diz à gente
As linhas com que se cose...

(Angola).

Manuel de Rezende (Zé Cartaz).

N. da R. — Esta glosa, recebida
com o natural atraso, é publicada por
nós com muitíssimo gôsto.

O Ayres

Toureiros no mundo inteiro
Tenho visto e de valor,
Mas, que trabalhe melhor,
Eu não conheço toureiro!...

Ele é nos quites certoiro,
Tem pela arte calor!...
Dos toureiros, sem favor,
E' tido como o primeiro!...

Como não é obscuro
Está livre dos desaires
Pelo trabalho seguro!...

Tem da elegância, os donaires!...
Nem há janota mais puro
Tão bem pôsto como o Ayres...

Alfredo da Cunha (RAZA).



O que foi o desporto no domingo

Oh! Que tremendas batalhas se travaram! Odio de terras a esvurmar de todos os lados, vontade de amesquinhar o vizinho mais chegado.

Leixões-Leça e Coimbrões-Pôrto

Dois rios apenas separavam os contendores; e a ânsia de atravessá-los a ponta-pé era medonha. No primeiro desafio L. L. nenhum dos grupos conseguiu safar o zero. Mas no segundo C. P. a coisa esteve mais feia. O nosso campeão, durante o primeiro tempo, andou à procura da chave do *team*; mas os de Coimbrões, tinham fechado o *goal* e deitaram a chave ao rio. Verdade seja, que a trave da esquerda, ficou formada em guarda-rêdes; mas a-pesar-disso, o Pôrto devia ter jogado mais. E' que os de Gaia, traziam fôlego que chegava para meia dúzia de desafios. Quando é assim, quando o Pôrto não mete *goals*, eu chego a ter pena do Waldemar que anda numa roda viva; parece um moínho lá da sua casa.

Intervalo

O Sr. Arbitro não foi mudar de calças. Foi pena porque ninguém sabia, ao certo, se elas eram curtas ou compridas. No entanto pedimos-lhe o favor de crescer ou mandar vender um palmo de calções. Bonitas, aquelas meias com barras de azulejo.

2.º tempo

O tempo ameaçava chuva. Já se sentia Pinga.

Tornamos a ver no campo, o Carlinhos de Mesquita. Com certeza, vinha de pistola no bôlso, porque não trazia medo...

A certa altura (os minutos são lá para o Rodrigues Teles) o sr. arbitro, conseguiu ver por uma abertura dos calções que se tinha cometido uma grande penalidade. Aplicou a lei, e o Pinga aplicou a pastilha.

Bola ao centro.

Ena Pai! Parecia que alguém tinha ferrado nos de Gaia! Zaz, catrapumba, e uma bola bonita foi agachar-se atrás do Sciska, a rir-se para êle, a marota; como a dizer-lhe que era a segunda que apanhava nesta época.

Fôo o fim do mundo! Palmas, gritos, chapéus no ar. Eu, no entanto, fiquei com a convicção que era menos

festejado o jogador, do que o segundo crime de estupro sofrido pelo Sciska.

Bola ao centro.

E então começou o bombardeio às redes vinhateiras. Os pontapés eram medonhos; mas havia sempre uma parte carnuda onde a bola ia bater. Tôda a gente defendia, até o Lopes Carneiro. Até que outra vez o Carlinhos a pespegou lá dentro...

E mais nada. O guarda-rêdes do Coimbrões teve duzentas-e-setente-e-três defezas, sendo algumas de efeito e outras por tabela. A MARIA RITA gostou dêle.

Ciclismo

E' verdade. Continuam a ser galar-doados, historiados, premiados, solenificados e martirizados os vencedores da 3.ª volta a Portugal. Tantos *ados* a estes desgraçados até faz vômitos.

Pedestrianismo

Promovido pelo colega dos *Ecos de Cacia*, e ilustre jornal das Barbas, *Comércio de Gaia*, realizou-se uma corrida a pé. A propósito desta prova dizia assim o *Jornal de Notícias*, empregando o mesmo português do jornal promotor:

Pedestrianismo

I quilómetro de Gaia

Pelo entusiasmo sempre *crescente desta prova*, prevê-se uma organização *formidável e nunca igualada* no vizinho concelho de Gaia.

O número de atletas *que é deveras grandioso vai impor-se às várias organizações desportivas ali realizadas* e como também *difficilmente, se não pode prognosticar* o vencedor.

etc., etc.

Sabemos de fonte limpa que entre outros grupos concorreu, o "Onze Caveiras" Foot-ball Club. Estes com certeza são lá da casa, mas as caveiras deviam ser daqueles animaizinhos que não vão à feira pelas grandes orelhas.

Zé das BOTAS.



ESPERTEZA SALOIA

Na estrada de Benfica,
— Arredores da Lisboa amada —
Entre as onze e o meio-dia,
Por não ter que fazer, nada,
O praticante José Graça
Da botica do Mendia,
A' falta de freguesia
Põe-se à porta a ver quem passa.
Entre outros, passa um saloio
Com hortaliças num burro
Que, sentindo grande a carga
E nas pernas fraco apoio,
Vai gramando forte esturro
De cacetada e de murro!...
— Malandro!... Desta maneira
Nunca mais chego a chegar
Ao mercado da Ribeira!...
E vá de aplicar mais um murro
Nas ventas do pobre burro
Que, nem com tal argumento,
Modifica o andamento:
Quando se resolve a andar,
Abatido e sonolento,
E' sempre em passo tão lento
Que melhor fôra parar...
Então, Zé Graça, engraçado,
Lembrou-se duma gracinha,
Disse ao saloio escamado:
— Esteja você descansado...
Vai já ver como êle caminha!
Pegue lá esta latinha,
Ela tinha... e ela tem
Um pouco de água-rás
P'ra você pôr por detrás
No gerico, sob o rabo,
E verá como o diabo
Vai caminhar num minuto
Deixando atrás outro bruto.
... Pôs-se o remédio ao gerico
Que, ao sentir a pincelada,
Deitou a correr pela estrada
Pondo a carga num fanico!...
Após êle, vai seu dono
A chamá-lo em forte entono:
— Xó! maldito!...
Pára burro do diabo!...
No remédio acredito
Mas de mim é q'êle dá cabo!
... O saloio já coxeia...
Mas... de repente — Oh! que ideia!
Do burro, pensa no rabo
E no bestuno sentença:
— «Se o remédio é bom pr'andar,
Porque o não hei de aplicar
Também em mim,
Se êle foi tão bom p'ro rocim?!
E — decidido — estacou,
Abaixo os calções botou
E no sítio semelhante
Ao traseiro do gerico
A água-rás aplicou!...
.....

O final — está bem de ver —
E' mais um burro a escoucear.
Mais uma besta a gemer!...

AMARAL.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A revista em 2 actos Mexilhão.

Águia d'Ouro: O fono-filme *O médico e o Monstro*.

Rivolt: Estreia do fono-filme *Aventu-reira de Tuntis*.

Olimpia: O filme sonoro, de garga-lhada, *O Rei da Pândega*.

Trindade: O primoroso filme *Uma alma livre*.

Batalha: Os excelentes filmes *Na pista do ouro*, e *De corpo e alma*.



Para o mote

*O cotim que mais resiste
No «Campo do Cirne» é feito*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

Nesta época, tão triste,
de crise que não tem fim,
fui vestir-me de cotim,
O cotim que mais resiste.
E, de tudo quanto existe,
o tecido mais perfeito,
que oferece melhor jeito
p'ra uma boa fãtota.
Nem se rompe, nem desbota.
No «Campo do Cirne» é feito.

Kammon.

O cotim que mais persiste;
O que não tem paridade
E que dura a eternidade;
O cotim que mais resiste.
Que não rasga, que subsiste;
O cotim forte, perfeito;
Fabricado sem defeito;
O cotim que, sem rival,
Mais se impõe em Portugal,
— *No «Campo do Cirne» é feito.*

Adriano X. Nel.

Cotim melhor não existe
No mercado mundial,
Pois o cotim principal,
O cotim que mais resiste.
Cotim como nunca viste,
Muito bonito e perfeito,
Tecido a primor, com jeito,
Que não desbota, o mais forte,
E' da capital do Norte,
No «Campo do Cirne» é feito.

(Azeiro).

Olegna.

Graças a Deus 'inda existe
Como o verso acima indica
Uma casa que fabrica
O cotim que mais resiste
E oxalá que conquiste
A fama a que tem direito
Eu digo a qualquer sujeito
Seja mesmo um aldeão
Que este cotim em questão
No «Campo do Cirne» é feito.

(Pórtio).

Monteiro II.

Alguns dias já ouviste,
Meu amigo, *alumiar*
Onde se pode encontrar
O cotim que mais resiste?
Eu te direi onde existe
E ficarás satisfeito,
Pois não cr-io ser defeito
As coisas dar a saber:
O melhor, cá no meu ver,
No «Campo do Cirne» é feito.

(Gaia).

Sepol.

E' lá p'ra Avintes que existe
Uma quinta muito rica,
Que pertence a quem fabrica
O cotim que mais resiste.
Ele, capricha, persiste,
Em nos dar artigo a jeito,
Que até nos consola o peito!
O cotim que mais agrada
De qualidade elevada
No «Campo do Cirne» é feito.

(Gaia).

Alvcarso.

Só uma ideia persiste,
Na mente do povo bom:
«Comprar ao Sebastião
O cotim que mais resiste.»
Melhor — dizem — não existe;
Não há nenhum tão perfeito; —
— Um fato dele, bem feito
Fica soberbo, bonito,
— Este tecido bendito,
No «Campo do Cirne» é feito.

(S. Pedro do Sul).

Morei Ravinhas.

E' industrial — Persiste
No tecido em perfeição
Assim tem por galardão
O cotim que mais resiste
Ao seu fabrico assiste
Não lhe quer ver um defeito
Venho aqui render-lhe preito
Pois merece, sim senhor!...
Porque 'inda o cotim melhor
No «Campo do Cirne» é feito.

Vensódias.

Dêste mote

*Só veste bem quem se cobre
De cotins «Campo do Cirne»*

Seja rico, seja pobre,
(pois quando o tempo arrelece
nunca a moda prevalece)
Só veste bem quem se cobre.
De lá churra? Seda nobre?
Casemira de Kashirne?
Tapetes de Alepo ou Smirne?
Engano! Só anda quente
quem se vestir, sãbiamente,
de cotins «Campo do Cirne».

Kammon.

Não é p'ra mim que sou pobre
Andar assim todo triques
Envergar farpelas chiquas
Só veste bem quem se cobre
A-pesar-de não ter *cobre*
Aquele meu amigo Birne
Que facilmente descirne
D'entre tantos qu' há p' ai
De lã, algodão, kaki
De cotins «Campo do Cirne».

Rei Louro.

O nosso Pinga, ilhéu nobre,
Jogador de gram valia,
Disse no Waldemar um dia:
Só veste bem quem se cobre.
Com cotins — quer rico ou pobre.
Dado o juízo ser firme,
Num gesto que só redime,
Resolveram mul contentes,
Cobrir seus corpos valentes
De cotins «Campo do Cirne».

(Gaia).

Alvcarso

E' bom cotim! — Corte e dobre
Este é do Sebastião! —
Vejam lá o que me dão
Só veste bem quem se cobre
Do humilde ate ao nobre
Mas rima que se concirne!
Bem pouca gente a discirne
Porém vós, se gó-to tendes
Surti-vos, mas só no Mendes
De cotins «Campo do Cirne».

Horriev.

O vestir é sempre nobre...
Não gosto de ver o nu...
Assim eu penso, crê tu,
Só veste bem quem se cobre!...
Mostra o corpo o povo pobre:
Pobrezinhos sem *gambyrne*...
E não conheço mais cirne
D'esta rima qu'inda fica
P'ra vestir farpela rica
De cotins «Campo do Cirne»!...

Alfredo Cunha (Raza).

Saiba o rico e saiba o pobre
Da nossa altiva nação,
Que desde Faro a Monção,
Só veste bem quem se cobre
Com cotim da marca nobre
«Campo do Cirne» o mais firme.
— Quem se atreve a desmentir-me? —
Vai até ser decretado
Que tudo ande trajado
De cotins «Campo do Cirne»

(Azeiro).

Olegna.

Este mote é muito pobre
De rimas. Tanto pensei,
E, nem só uma encontré:
Só veste bem quem se cobre!...
(Esta é fácil — fãnda em «cobre»!...)
A outra que rima em «cirne»,
E' que nem um Júlio Virne,
(E' Verne! — seja, vá lá!) —
Glosando-o se vestirá,
De cotins «Campo do Cirne».

(S. Pedro do Sul).

Morei Ravinhas.

Para que tudo manobre
Na maior das elegâncias
E para não haver ansias,
Só veste bem quem se cobre,
De cotins. E p'ra que dobre
A vontade que o decirne,
E p'ra que não ande a cirne,
Tornando-se vagabundo,
Vista como todo o mundo:
De cotins «Campo do Cirne».

(Azeiro).

Zé Maria.

Mote a concurso para o próximo número:

*Se casar a Beatriz
Lá se vai o burrié.*

N. da R. — Foi tal o sucesso alcançado pelos
motes *Campo do Cirne*, que resolvemos fazer
um suplemento para tal fim.

FABRICA DO CAMPO DO CIRNE

DE

Carlos Joaquim Tavares, Sucessores

TELEGRAMAS: **COTINS** Rua Joaquim Antonio de Aguiar, 146 — PORTO TELEFONE N.º 876

MIXTOS COM SEDA E TINTURARIA A VAPOR
FABRICA DE TECIDOS DE ALGODÃO E
FABRICO ESPECIALIZADO DE COTINS

Cotins Casimira, Estambre, Gabardine, Ganga, Diplomata, Cirne
com seda, Desportista com seda, Militar claro e escuro, Agrim
azul, Porto, Riscados, Sarjas, Kaki colonial, Alpacas com seda,
Voais com seda lisos e lavrados, etc., etc.

Gabardine especial impermeabilizada própria para trincheiras

O MELHOR FABRICO

PADRONAGENS ESCOLHIDAS

CONCURSO DA NOTA DO BANCO

TERCEIRA E ÚLTIMA PARTIDA

Ora aí tem os nossos futuros concorrentes, a fotografia das Notas do Banco que entram no concurso.

Tôdas estas notas tem um número de série composto de cinco algarismos, e tôdas elas estão fechadas e lacradas num envelope exposto desde hoje nas montras da Agência de Publicações do sr. Manuel da Silva Braga, à Praça da Liberdade.

Esse número na nota de 100\$00 escudos é composto dos seguintes algarismos 0-1-2-3-9
 Na nota de 50\$00, é composto dos seguintes 2-2-5-7-1

Na de vinte 3-3-3-4-1
 Na de dez 6-5-7-1-2
 Na de cinco 9-5-2-1-3



Todo o trabalho do concorrente, será, portanto, o de declarar no cupão inserto aqui, qual a disposição desses algarismos que corresponderá ao verdadeiro número de cada nota.

Depois, recortar êsse cupão, enviá-lo à nossa redacção até à 4.ª feira seguinte.

O nosso número seguinte, como nos restantes concursos, dará a relação dos premiados.

O **CONCURSO DA NOTA DO BANCO**, tem três qualidades:

- E' honesto**, porque é da MARIA RITA
- E' proveitoso**, porque dá dinheiro em notas
- E' de novo modelo**, porque cada concorrente com um cupão apenas, concorre a todos os 5 prémios.

Cupão

3.ª SEMANA

Palpita-me que:

O n.º da nota de 100\$00 será
 " " " " 50\$00 "
 " " " " 20\$00 "
 " " " " 10\$00 "
 " " " " 5\$00 "

Nome ou pseudónimo

Morada

N. B. — O número de cada nota será formado com os algarismos que damos acima para cada nota correspondente da mesma importância.

Relação dos premiados na segunda semana

Acertaram na nota de 100 8 concorrentes || Acertaram na nota de 20 30 concorrentes
 " " " " 50 6 " " || " " " " 10 26 "
 Acertaram nota de 5 2 concorrentes

OS VERDADEIROS NÚMEROS DAS NOTAS

Na primeira partida: 13142 — 17667 — 12676 — 8803 — 17729

Na segunda partida: 15407 — 32803 — 12345 — 27444 — 16025

A seguir, grande concurso do Natal e Ano Bom — JOGO DO QUINO